



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**Programa de Pós-Graduação em Educação**

Paula Santos Flores

**OFICINA SOCIOEDUCATIVA**

*Oficina com adolescentes em medidas socioeducativas*

Porto Alegre

2011

Paula Santos Flores

**OFICINA SOCIOEDUCATIVA**

***Oficina com adolescentes em medidas socioeducativas***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmem Maria Craidy

Porto Alegre

2011

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F634o	<p data-bbox="571 1576 820 1608">Flores, Paula Santos</p> <p data-bbox="497 1610 1299 1700">Oficina socioeducativa: oficina com adolescentes em medidas socioeducativas / Paula Santos Flores ; Orientadora Carmen Maria Craidy. – Porto Alegre, 2011.106 f.</p> <p data-bbox="497 1731 1299 1821">Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação.</p> <p data-bbox="497 1883 1246 1944">1. Medidas socioeducativas 2. Oficina 3. Adolescentes 4. Menor Infrator I. Título. II. Craidy, Carmen Maria</p> <p data-bbox="1007 1975 1171 2007">CDD 343.244</p>
-------	--

Paula Santos Flores

**OFICINA SOCIOEDUCATIVA**

***Oficina com adolescentes em medidas socioeducativas***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmem Maria Craidy

Aprovada em 25 de fevereiro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmem Maria Craidy – Orientadora - UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Carmem Silveira Barbosa – FACED/UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto – PSICO/UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nair Iracema Silveira dos Santos – PSICO/UFRGS

*Ao meu pai*

*Devo te dizer que essa escrita vem de ti, da tua força,  
e do desafio de chegar nesse tal “lugar”...  
Cresci assistindo ao teu trabalho com os adolescentes... e nele me inspiro.  
Partistes quando eu tentava uma busca... um caminho...  
Guardo em minha lembrança o que me dissestes no dia da nossa despedida  
“Olhar para a luz é o movimento da vida”, e cá estou a mirar-te nas estrelas.*

## AGRADECIMENTOS

*“Como o não sabes ainda  
Agradecer é mistério”  
Fernando Pessoa, Quadras ao Gosto Popular*

Aos adolescentes que são a força maior dessa pesquisa, por terem no encontro das oficinas permitido um “fazer com” e compartilharem suas vidas conosco.

À UFRGS, que possibilitou meu acesso a esta pesquisa através do Programa de Pós-Graduação em Educação em nível de mestrado.

Ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Exclusão e Violência Social – NUPEEEVS da Faculdade de Educação - FACED, em que se realizou essa pesquisa junto ao Programa de Prestação de Serviço à Comunidade - PPSC.

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Carmem Maria Craidy, que me possibilitou toda essa experiência junto ao PPSC desde 2005. Obrigada por compartilhar o conhecimento nesses últimos anos, pela convivência, pela amizade, agradeço todo o investimento, auxílio e compreensão, e principalmente, por ter acreditado.

À Magda Martins de Oliveira obrigada pelo carinho, apoio e presença nesse percurso de pesquisa e pela possibilidade do aprendizado de trabalhar em equipe, por tanta dedicação e coragem ao nos indagar sobre nosso fazer com esses adolescentes, e por teres acreditado nessa coordenação das oficinas e afirmado esse espaço dentro do PPSC.

Aos colegas de equipe do PPSC/UFRGS: Magda, Tainara, Alexandre, Alex, Rafael, Fernando e Elisa, obrigada por acreditarem que um mundo melhor é possível, por fazerem um trabalho em equipe sério, ético e dedicado aos adolescentes.

À Natália Chaves Bandeira que acompanhou esse percurso de pesquisa junto ao grupo das oficinas e ensinou a todos nós a arte do ato criador conjugada à vida.

À Maria Josefina Becker, agradeço pelo teu olhar e tuas questões sobre o “fazer” do PPSC que nos possibilitam importantes problematizações e reflexões sobre nossos procedimentos e encaminhamentos. Pela amizade e pela forma que tens conduzido, há alguns anos, nossas discussões que envolvem legislações e

direitos humanos tornando mais consistente o nosso trabalho junto aos adolescentes.

À Prof<sup>a</sup> Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto obrigada pelo olhar carinhoso e cuidadoso desde o momento de defesa do projeto de dissertação. Obrigada por me aproximar da beleza e da concretude que a matéria da palavra exige, por me ajudar a modelar, esculpir, colar, recortar, alinhar e costurar as palavras que aqui estão querendo mostrar uma experiência do sensível.

À Prof<sup>a</sup> Maria Carmem Silveira Barbosa obrigada por teres me apresentado todo esse universo em 2004. Tal como o fluxo do fio d'água de um rio, o nosso encontro na disciplina Educação Infantil de 0 à 3 anos, por acaso ou necessidade, me conduziu para uma correnteza feita de muitos fios de água. Muito obrigada pela correnteza da vida e dos bons encontros.

À Prof<sup>a</sup> Nair Iracema Silveira dos Santos obrigada pela disponibilidade, gentileza e carinho em avaliar este trabalho.

Ao Rafael Coelho que através de seu trabalho junto ao Banco de Dados do PPSC transformou em números, planilhas e gráficos os elementos necessários para produzirmos algumas cenas para a pesquisa.

Aos colegas e amigos, Milene Petracco, Eduardo Martinelli Leal, Victor Richter, Rodrigo Machado e Natália Chaves Bandeira, obrigada pelo exercício de ter estado juntos enquanto equipe, pela amizade, por terem me possibilitado indagações que ecoam nesse trabalho de dissertação.

Ao Paulo Nascimento, pela amizade, pela paciência nessa minha demorada inserção ao mundo da música, pelo carinho e contribuições ao acompanhar esse trabalho de dissertação na correção e tradução.

Ao amigo Valmir Dorneles Jr., obrigada pela história da nossa amizade que produz muito do que sou e penso sobre o mundo e as coisas.

Ao Cleber Gibbon Ratto, pela escuta.

À minha mãe e meus irmãos, obrigada por fazerem parte do que me faz forte, por eu ter com vocês “um lugar”, pelo amor e apoio.

À minha filha, Sofia, por tanto amor.

Ao Gabriel, pelo amor, pela tranquilidade, pelo apoio e por transformar um projeto “meu” em “nosso”. Obrigada por existires em minha vida.

## Hey Joe – O Rappa

hey joe  
onde é que você vai  
com essa arma aí na mão

esse não é o atalho  
pra sair dessa condição

dorme com tiro acorda ligado  
tiro que tiro trik-trak boom  
para todo lado

meu irmão, é só desse jeito  
consegui impor minha moral  
eu sei que sou caçado  
e visto sempre como um animal

sirene ligada os homi  
chegando trik-trak  
boom boom  
mas eu vou me mandando

hey joe  
assim você não curte o brilho  
intenso da manhã

acorda com tiro dorme com tiro

hey joe  
o que o teu filho vai pensar  
quando a fumaça baixar

fumaça de fumo  
fogo de revólver  
e é assim que eu faço,  
eu faço a minha história

meu irmão, aqui estou por causa dele  
e vou te dizer  
talvez eu não tenha vida  
mas é assim que vai ser

armamento pesado  
o corpo é fechado  
eu quero é mais ver  
mais vai ser difícil me deter

hey joe  
muitos castelos já caíram e você ta na  
mira

Tá na mira, tá na mira, tá na mira!

hey joe  
muitos castelos já caíram e você ta na  
mira  
Também Morre quem atira...  
Também morre quem atira...  
Também morre quem atira...

menos de 5% dos caras do local  
são dedicados a alguma atividade  
marginal  
e impressionam quando aparecem nos  
jornais  
tapando a cara com trapos  
com uma uzi na mão  
parecendo árabes árabes árabes do  
caos.

sinto muito cumpadi  
mas é burrice pensar  
que esses caras  
é que são os donos da biografia  
já que a grande maioria  
Daria um livro por dia  
sobre arte, honestidade e sacrifício



## RESUMO

Este estudo se insere no contexto de práticas e políticas voltadas para as medidas socioeducativas em meio aberto. A pesquisa envolve a experiência das Oficinas Socioeducativas do Programa de Prestação de Serviços à Comunidade – PPSC/UFRGS, que atende adolescentes que cumprem a medida socioeducativa de Prestação de Serviços à Comunidade - PSC e que opera essa política pública, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente. Trata-se de uma pesquisa que aponta para uma descrição analítica, tomando o relato da experiência com as Oficinas Socioeducativas com adolescentes que cumprem a medida de PSC como foco de análise. A proposta metodológica deste estudo está orientada pela perspectiva da pesquisa-intervenção, que propõe uma relação pesquisador/objeto pesquisado dinâmica e que produz os próprios caminhos da pesquisa. Buscamos promover a discussão sobre as repercussões da experiência da oficina na relação do adolescente com a medida socioeducativa em dois momentos: na Oficina Zoom e com o projeto de fotografia FotoZoom – vidas em conversa, movimentos em foco. A partir da aproximação com a experiência do Oficiar apresentamos a busca pelos diferentes conceitos que existem sobre os modos de oficiar e produzimos um diálogo conceitual com o nosso modo de oficiar – as Oficinas do PPSC, considerando também as diretrizes que orientam a política de medida socioeducativa. A experiência evidencia que as oficinas socioeducativas têm se constituído uma prática metodológica do PPSC/UFRGS junto aos adolescentes que acompanha no processo de execução da medida de PSC. Também, as oficinas possibilitam uma intervenção educativa e que se estabelece no processo de relação com os adolescentes. Também, as oficinas possibilitam uma intervenção educativa ao acolher os percursos desses adolescentes que as compõem, seus projetos de futuro, suas perspectivas de vida, suas histórias, suas imagens, suas infrações, e assim, constituindo-se em um plano coletivo que oportuniza a relação consigo, com o outro, o exercício de estar em grupo, a experiência do criar, o acesso a novas informações e a reflexão sobre o vivido e sobre outras possibilidades de vida.

**Palavras-chave:** Oficinas socioeducativas. Medidas Socioeducativas. Adolescente em conflito com a lei. Prestação de Serviços à Comunidade.

## ABSTRACT

This study fits into the context of practices and policies aimed at the educational measures in an open environment. The research involves the experience of the workshops Socioeducational of the Programa de Prestação de Serviços à Comunidade-PPSC/UFRGS--abiding by social provision of Prestação de Serviços à Comunidade - PSC -and operates the public policy of the statute conforme Children and Adolescents. This is research that points to an analytical description, taking account of experience with Socioeducational Workshops with adolescents who meet the measure of PSC as the focus of analysis. The proposed methodology of this study is guided by the prospect of intervention research, which suggests a relationship between researcher / researched object dynamics and produces its own avenues of research.

We seek to promote discussion on the implications of the workshop experience in relation to adolescent social-educational measure on two occasions: at the workshop and the zoom photography project FotoZoom life - in conversation, moves into focus. From the approach to the experience of workshops presented by the search that there are different concepts about the ways of workshopping and produce a conceptual dialogue with our way of workshopping - the Workshops of the PPSC also considering guidelines that guide the policy of these institutions. Experience shows that social and educational workshops have been as a methodological practice of PPSC / UFRGS with teens that accompanies the process of implementing the measure of PSC Also, the workshops allow an educational intervention and that established in the relationship process with adolescents. Also, the workshops allow an educational intervention to accommodate the paths of those teens that make them up, his future projects, your outlook on life, their histories, their images, their infractions and thereby constituting a collective plan to nurture the relationship I can, with others, being in the exercise group, the experience of creating, accessing new information and reflection on their experience and other ways of life.

**Keywords:** Socio workshops. Socioeducational measures. Adolescente in conflict with the law. Provision of Community Services.

## LISTA DE ABREVIATURAS

- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CREAS – Centros de Referência Especializado de Assistência Social
- ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
- FACED – Faculdade de Educação
- FASC – Fundação de Assistência Social e Comunitária
- FASE – Fundação de Atendimento Socioeducativo
- FEBEM – Fundação de Bem-estar do Menor
- LA – Liberdade Assistida
- NUPEEEVS – Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Exclusão e Violência Social
- PPSC – Programa de Prestação de Serviços à Comunidade
- PSC – Prestação de Serviços à Comunidade
- PEMSE – Programa Municipal de Execução de Medida Socioeducativas em Meio Aberto de Porto Alegre
- SINASE – Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
- SUAS – Sistema Único de Assistência Social
- UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>CONTEXTO E PROBLEMA DE PESQUISA.....</b>	<b>15</b>
2.1	TRAJETOS E CENAS DE UMA PESQUISA EM CONSTRUÇÃO .....	15
2.1.1	Cena I Entre roupas e doações. ....	17
2.1.2	Cena II Entre o Cemitério e “meu filho”.....	17
2.1.3	Cena III Entre cheiros e a cozinha.....	18
2.1.4	Cena IV – Entre a casa e um copo de água. ....	18
2.1.5	Cena V - Entre balões .....	21
2.2	MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS .....	21
2.3	PROGRAMA DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE NA UFRGS .....	24
2.4	COMO SURGE A OFICINA NO PPSC .....	34
<b>3</b>	<b>QUESTÃO DE PESQUISA E OBJETIVOS .....</b>	<b>38</b>
3.1	QUESTÕES DE PESQUISA.....	38
3.2	OBJETIVOS.....	38
<b>4</b>	<b>LINHAS DE UMA METODOLOGIA .....</b>	<b>39</b>
4.1	PESQUISA INTERVENÇÃO COMO MODO DE INVESTIGAÇÃO.....	39
4.2	ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS – MODO DE PESQUISAR .....	41
4.2.1	Oficina Zoom.....	43
4.2.2	Oficina Fotografia .....	45
4.3	ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS – MODO DE REGISTRAR .....	46
4.4	ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS – MODO DE ANÁLISE .....	48
<b>5</b>	<b>LINHAS DE ANÁLISE.....</b>	<b>49</b>

5.1	CENA I – CENA CONGELADA: NÚMEROS PARA UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO .....	49
5.2	CENA II – ZOOM: VIDAS EM CONVERSA.....	59
5.3	CENA III – FOTOZOOM: MOVIMENTOS EM FOCO .....	63
5.4	CENA IV – PERCURSOS E TRAJETOS.....	71
5.4.1	<b>Oficina de 11 de maio de 2010 / tarde – organização das fotos e exposição para o grupo das oficinas.....</b>	<b>73</b>
5.4.2	<b>Adolescente W.C.F. ....</b>	<b>75</b>
6	<b>OFICINA: CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA SOCIOEDUCATIVA.</b>	<b>78</b>
6.1	CONCEITOS E BUSCAS PARA UMA OFICINA SOCIOEDUCATIVA .....	78
6.2	O QUE A OFICINA PODE? .....	83
7	<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>87</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>
	<b>APÊNDICE A: Cronogramas da Oficina Zoom.....</b>	<b>92</b>
	<b>APÊNDICE B: Portfólio das Oficinas – demonstrativo do portfólio 2010/01 .....</b>	<b>94</b>

## 1 INTRODUÇÃO



**Figura 1 – Início.**  
**Fonte:** Arquivos da Autora.

A textualidade desta dissertação inicia-se como um convite para adentrarmos na experiência do oficiar.

Reconhecendo a força que estas imagens carregam em si mesmas, desejamos desenhar um texto que possa presentificar a qualidade da experiência do oficiar entrelaçando ao próprio texto as imagens produzidas pelos adolescentes durante as oficinas. Acreditamos que uma oficina se mostra com imagens, sons e cores.

Neste texto, os leitores/leitoras encontrarão a marca de um ponto de vista e de uma posição verbal na primeira pessoa. Se faz presente um “eu pesquisadora”. Narrar esse processo em primeira pessoa implica, na tentativa, de situar o leitor/leitora de onde estou partindo e que há um percurso “meu” nessa trajetória de pesquisa.

Mas durante o percurso essa posição irá se modificando para outros lugares e posições, trazendo para a escrita um “nós” que se traduz nos sujeitos implicados nesse coletivo de pesquisa.

Esse “nós” é resultado da composição com a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Carmem Maria Craidy, do “bom encontro” e do olhar cuidadoso sobre essa escrita da Prof.<sup>a</sup> Gislei Lazzarotto, do olhar atento de Magda Martins de Oliveira, de toda a

equipe do PPSC e do encontro com todos os adolescentes que estiveram presentes nesse tempo/espço da pesquisa e que produziram esse cenário.

Para situar a minha implicação com o tema da pesquisa, convém me apresentar como membro da equipe do Programa de Prestação de Serviços à Comunidade (PPSC). Esta pesquisa emergiu como uma questão do meu trabalho diário junto a esta equipe, e enquanto psicóloga/educadora frente à coordenação das oficinas com os adolescentes.

Esta pesquisa questiona a existência de um espaço do Programa de Prestação de Serviços à Comunidade da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a produção de uma “intervenção educativa” ao propor as oficinas como uma metodologia de trabalho e de acompanhamento dos adolescentes em medida.

Temos como proposta, nessa dissertação, apresentar como acontece essa intervenção educativa nas oficinas do PPSC ao compor a metodologia de trabalho com os adolescentes. Descrever o que as oficinas possibilitam ao adolescente no encontro de produção de si e de exercício ético nas relações; sistematizar a experiência das oficinas desenvolvidas no PPSC; e, discutir as repercussões da experiência da oficina na relação do adolescente com a medida socioeducativa.

Assim, a dissertação está dividida em seis capítulos. Iniciamos com uma aproximação do contexto de pesquisa – primeiro capítulo. Neste, a apresentação de uma paisagem inicial e de cenas que possibilitaram o delineamento da problemática de pesquisa. A configuração do cenário das medidas socioeducativas, o Programa de Prestação de Serviços à Comunidade na UFRGS e o surgimento da própria Oficina dentro deste cenário.

No segundo capítulo, o delineamento da questão de pesquisa e seus objetivos.

O terceiro capítulo refere-se às linhas de uma metodologia, os encaminhamentos metodológicos utilizados neste estudo (nosso modo de pesquisar, de registrar e de análise). A aproximação de nosso modo de trabalhar através da Oficina Zoom. Iniciamos o capítulo apresentando a escolha da Pesquisa-intervenção como proposta metodológica. Nossa escolha por essa proposta evidencia o pensamento sobre a trajetória investigativa dessa pesquisa e nos conduz ao que Rocha e Aguiar (2003) afirmam ao propor que na pesquisa-intervenção, a relação

pesquisador/objeto pesquisado é dinâmica e determinará os próprios caminhos da pesquisa, sendo uma produção do grupo envolvido. Pesquisa é, assim, ação, construção, transformação coletiva, análise das forças sócio-históricas e políticas que atuam nas situações e das próprias implicações, inclusive dos referenciais de análise.

No quarto capítulo, linhas de análise, temos como proposta, apresentar algumas cenas para aproximar o leitor/leitora dos adolescentes e desse espaço de intervenção que tem sido as oficinas. A partir da ferramenta “zoom”, apresentada no capítulo da metodologia, propomos os movimentos e olhares desta análise, as cenas constituindo imagens que deslizam aos nossos olhos questionando o que nos aproxima ou distancia desses adolescentes e desse fazer das oficinas.

O capítulo seguinte, quinto capítulo, promove a discussão sobre as repercussões da experiência da oficina na relação do adolescente com a medida socioeducativa. A partir da aproximação com a experiência do Oficinar apresentamos a busca pelos diferentes conceitos que existem sobre os modos de officinar e produzimos um diálogo conceitual com o nosso modo de officinar – as Oficinas do PPSC, considerando também as diretrizes que orientam a política de medida socioeducativa.

Na seqüência, temos as conclusões que indicam alguns pontos que se destacaram nessa análise do modo como a Oficina Socioeducativa do PPSC/UFRGS tem se constituído como uma metodologia de trabalho e de “intervenção educativa” junto aos adolescentes em medida socioeducativa.



## 2 CONTEXTO E PROBLEMA DE PESQUISA

A seguir são apresentados o contexto e problema da pesquisa.

### 2.1 TRAJETOS E CENAS DE UMA PESQUISA EM CONSTRUÇÃO

Ao propor este estudo apresento uma paisagem inicial que caracteriza um trajeto – um ponto de partida para este estudo. Assim como no início das oficinas, temática deste estudo costumamos iniciar a conversa com os adolescentes solicitando que eles nos contem sobre seu trajeto<sup>1</sup> até o Programa de Prestação de Serviços à Comunidade, apresento o meu trajeto neste Programa. Entre esses percursos podemos compor o cenário de pesquisa e como ele foi sendo produzido num tempo e num lugar fazendo emergir uma problemática e uma questão de pesquisa com determinadas configurações.

Apresentar uma relação com uma prática é afirmar que forças construíram essa questão de pesquisa, considerando a realidade onde essa prática foi possível e a construção que produziu esse encontro, transformando todos os envolvidos. A paisagem de pesquisa pulsa, pois está muito próxima à experiência, e é esta experiência que busco problematizar através de uma descrição analítica.

É uma experiência que está para além de uma mera ilustração em que é necessário enxertar<sup>2</sup> teorias, mas sim, torná-la uma questão para ***pensar com e dar visibilidade*** às forças que a produziram. Ao descrevê-la, procuro produzir análises

---

<sup>1</sup> No início deste ano ao pensarmos algumas estratégias de intervenção para as oficinas, construímos essa dinâmica de solicitar a todos do grupo das oficinas (incluindo os orientadores da equipe) – na abertura destas – que descrevam a vinda à UFRGS nesse dia, por exemplo: que horas acordou, por onde andou, quem veio junto, que ônibus pegou, o que percebeu pelo caminho afora, etc. Essa dinâmica como uma forma de abrir a conversa, e também, pensando essa conversa inicial como um dispositivo de inclusão dos novos que vão chegando às oficinas, produzindo uma contar de si sem criar constrangimento de uma apresentação de si, é um falar informal que se confunde com uma narrativa desse movimento que é vir até a UFRGS cumprir sua medida – algo que no grupo atravessa a todos nós, saímos de casa de alguma forma e aqui estamos, isso é comum no grupo.

<sup>2</sup> Enxertar = Incluir, inserir, acrescentar: em uma espécie de planta, muda-se para outra espécie em um mesmo caule, mudando assim seu sabor – esse termo foi utilizado propositalmente para apontar que as teorias aqui escolhidas vêm para compor a proposta e não para “roubar” ou “trocar” um sabor. Buscamos com as teorias aqui utilizadas sentidos para o vivido.

que acionem novas formas de **estar com** os adolescentes em medidas socioeducativas. E essa análise se faz possível a medida que me aproximo de conceitos que afirmam a experiência produzindo conceitos-ferramentas para essa descrição analítica. Conforme Deleuze (2006, p. 71) refere na entrevista com Michel Foucault (1979):

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas...é preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la (a começar o próprio teórico que deixa então de ser teórico) é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. É curioso que seja um autor que é considerado puro intelectual, Proust, que o tenha dito tão claramente: tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e se eles não lhes servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate.

Minha experiência com adolescentes em medida sócio-educativa inicia em maio de 2005 ao integrar, como bolsista de aperfeiçoamento e pesquisa, o Programa de Prestação de Serviço à Comunidade (PPSC) da UFRGS, associado ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Exclusão e Violência Social (NUPEEEVS). O Programa existe desde 1997 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e conjuga atividades de pesquisa, extensão e ensino, especialmente o atendimento a adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de Prestação de Serviços à Comunidade – a PSC<sup>3</sup>. Este Núcleo e Programa são coordenados pela Professora Carmem Maria Craidy da Faculdade de Educação – FACED desta Universidade.

Convidada a integrar a equipe de pesquisa que teve como proposta investigar "A Pedagogia das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto no Estado do Rio Grande do Sul", passei então a compor uma paisagem/aproximação desse cenário das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto. Nessa pesquisa buscávamos nos aproximar das formas de intervenção pedagógica que atravessavam as práticas na

---

<sup>3</sup> De acordo com o artigo 117 do ECA: A prestação de serviços comunitários consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente a seis meses, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais. Parágrafo único: As tarefas serão atribuídas conforme as aptidões do adolescente, devendo ser cumpridas durante jornada máxima de oito horas semanais, aos sábados, domingos e feriados ou em dias úteis, de modo a não prejudicar a freqüência à escola ou à jornada normal de trabalho.

execução das medidas socioeducativas de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) e Liberdade Assistida (LA) no Estado.

A pesquisa foi realizada em 23 municípios, selecionados conforme representatividade das cidades do ponto de vista regional, número de habitantes e órgão responsável pela execução das medidas socioeducativas em meio aberto, sendo contempladas nove das dez regionais do Poder Judiciário na área da Infância e da Juventude. Para caracterização dos procedimentos utilizados nesses diferentes espaços de execução da medida, foram aplicados questionários e entrevistas semi-estruturadas nas coordenações e unidades executoras de medidas socioeducativas em meio aberto no RS, sendo entrevistados coordenadores, referências, orientadores e adolescentes, conforme relatório técnico apresentado e aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq em 2006.

As linhas de meu trajeto de pesquisa são marcadas por este percurso que emerge em 2005 e vai tomando forma no processo de constituir-me como pesquisadora nesta experiência de ida a campo. Compartilho, a seguir, as cenas<sup>4</sup> que seguiram em minhas indagações e construíram a presente pesquisa.

### **2.1.1 Cena I Entre roupas e doações.**

Uma sala em que o serviço de PSC do adolescente era separar roupas doadas a uma Secretaria Municipal de Ação Social e Trabalho de determinado município, uma sala escura, úmida, com cheiro ruim, e aquele corpo ali debruçado por sobre as roupas selecionando as peças de roupas para fazer diferentes pacotes, conforme especificação do funcionário (orientador) desta secretaria, do que teria de ser separado e o que deveria ficar. Atividade deste adolescente em sua medida que iniciou naquele dia.

### **2.1.2 Cena II Entre o Cemitério e “meu filho”**

Uma rua sem asfalto, um portão de ferro branco enferrujado e enorme ao fundo desta rua. Ao atravessá-lo vejo o alinhamento dos túmulos formando

---

<sup>4</sup> Cenas retiradas de meu diário de campo dessa pesquisa realizada em 2005.

corredores de um cemitério, flores de plástico desbotadas, talvez pela falta de iluminação desse dia nublado e chuvoso, e que o único som que se escutava era o arrastar de uma vassoura misturado com o possível movimento de folhas secas. Segui o barulho...era outro corpo debruçado, que ali se colocava para varrer aqueles corredores de pedras. Era um adolescente cumprindo sua medida junto ao cemitério municipal tendo como seu orientador o coveiro que era funcionário do cemitério, um senhor muito simpático e que próximo ao adolescente trabalhava e mostrava as manhas de seu ofício e o chamava de “meu filho”.

### **2.1.3 Cena III Entre cheiros e a cozinha.**

Em um bairro da periferia de Porto Alegre, distância, asfalto, calor, uma instituição produzida pela própria comunidade para cuidar de “seus filhos”. Ali 240 crianças em um programa conveniado com o município que as acolhia em turno inverso à escola. Na cozinha, um cheiro gostoso de pão no forno, azulejos, panelas grandes, geladeiras velhas, uma Senhora, vestida a rigor, lenço à cabeça, avental, luvas de borracha e uma faca de serrinha nas mãos, a descascar batatas e outras verduras... Junto a ela um menino lavando a louça e colocando as cascas das verduras em um tonel, cumprindo sua medida de Prestação de Serviços à Comunidade de 8 horas por semana, ou seja, apresentava-se ali em dois turnos da semana de 4 horas para auxiliar na cozinha dessa instituição de sua comunidade.

### **2.1.4 Cena IV – Entre a casa e um copo de água.**

Uma casa antiga, grande, de dois pisos, toda pintada de um azul céu, janelas e portas brancas, toda bonita e organizada. Enquanto aguardo na sala de espera um menino vem ao meu encontro com uma bandeja e um copo com água. A pergunta que ele me faz: “A Senhora quer um copo de água?” “Quero sim, obrigada”. Esse adolescente cumpre naquele local (Programa Municipal que Executa as Medidas Socioeducativas deste local) sua medida de Liberdade Assistida. Observo toda uma estrutura para esse Programa, salas para os atendimentos, sala de espera, salas de atendimento individual e de família, uma ampla biblioteca, uma sala de informática, uma cozinha, banheiro e uma sala para atendimento dos grupos. Muitos cartazes

nas paredes feitos durante o Grupo com Jovens, e alguns feitos pelo grupo com os pais. Nesse município a execução das medidas socioeducativas está municipalizada, ou seja, há um programa da Prefeitura deste município que acolhe e acompanha os adolescentes, e que durante a medida oferece um espaço grupal que eles denominam de Grupos com Jovens. E nesse espaço há uma proposta de se fazer diferentes atividades com os adolescentes e com seus familiares, ou seja, há um espaço para a medida e para o acolhimento desses adolescentes e seus familiares previsto no programa de governo deste município. Lá, as medidas socioeducativas são rubrica.

Entre cenas fui me tornando mais próxima da medida enquanto experiência dos modos de executá-la. Ao finalizar minha participação na pesquisa "A Pedagogia das Medidas Socioeducativas no Estado do Rio Grande do Sul" sob orientação da Professora Carmem Craidy (2005), percebi que as Medidas Socioeducativas raramente envolviam uma intervenção educativa orientada por um projeto pedagógico como ordenador de ação e gestão do atendimento conforme previsto no Sinase<sup>5</sup> (2006, p. 47). A participação do adolescente na construção desse espaço é restrita, e também, é rara a aproximação com as famílias e comunidades. Na maioria dos casos a medida se resume a cumprir uma tarefa, muitas vezes sem sentido para o adolescente, e não de acordo com suas habilidades conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu artigo 117 que afirma "[. . .] as tarefas serão atribuídas conforme as aptidões do adolescente." A dimensão positiva que possa ter depende em grande parte da sensibilidade do funcionário que o acompanha – o orientador da medida de PSC – o qual, na maioria dos casos, não recebe orientação ou qualquer suporte técnico para fazer este acompanhamento. Apesar disso, são eles que acabam criando uma relação de proximidade com o adolescente, o que, sob a perspectiva do impacto das MSE<sup>6</sup>, foi trazido como o elemento mais relevante.

No contato com esses que orientavam e eram referências dos adolescentes que prestavam serviço à comunidade, indagava sobre as "mudanças causadas a partir da medida", e as respostas afirmavam que tais mudanças estavam voltadas

---

<sup>5</sup> Conforme suas diretrizes pedagógicas do atendimento socioeducativo que apontam para uma prevalência da ação socioeducativa sobre os aspectos meramente sancionatórios e prevê o projeto pedagógico como ordenador de ação e gestão do atendimento socioeducativo.

<sup>6</sup> Medidas Socioeducativas.

principalmente ao “critério relacionamento”. Em seus relatos diziam que o tempo que os adolescentes estiveram com eles durante sua medida socioeducativa propiciou um convívio positivo e que, muitas vezes, os adolescentes voltam para visitá-los, após o término da medida.

Distancio-me dessa pesquisa, mas sigo acompanhada desta problematização sobre os diferentes espaços em que as medidas são, ou podem ser executadas, assim como as diferentes formas de aplicação das mesmas. Permanece como marca deste trajeto o “critério relacionamento” que ficou afirmado como sendo o mais positivo a partir da medida cumprida pelos adolescentes, conforme a fala de seus orientadores. Deste ponto produzo algumas questões: O que seria potencializar a medida nesse aspecto? O que seria esse “critério relacionamento”? “Como seria uma intervenção educativa junto à medida?”. Enfim, perguntas que me acompanharam desde 2005 e que reverberam na pesquisa.

Aterrisso na Faculdade de Educação, Sala 610, Programa de Prestação de Serviços à Comunidade. Agora para integrar a equipe junto ao atendimento aos adolescentes em medida de PSC. Esse programa, no ano de 2006, atende e acompanha adolescentes em medida de PSC das regiões Cruzeiro, Cristal e Glória, pertencendo a Coordenadoria Regional 5 do PEMSE. E as inquietações produzidas pela pesquisa acompanharam minha inserção no trabalho de acompanhamento da PSC na UFRGS. Outras questões vão sendo formuladas: Como produzimos e somos produzidos por esse espaço do fazer diário? Do “cumprir” diário? Como este espaço do cumprimento da medida que não é somente cronológico, e que, para além das semanas que o adolescente recebe do Juiz, é feito de trocas e experiências que vivemos com eles? Volta à cena “o critério relacionamento”.

E começo a “aprender” a acompanhar esses adolescentes em medida socioeducativa. Agora assumo o papel de referência, junto com os demais integrantes desta equipe, para com os adolescentes que nos são encaminhados, pois os orientadores são os funcionários da Universidade que os recebem em diferentes setores e os acompanham e orientam em seu trabalho.

Assumo as entrevistas iniciais com os adolescentes em um dos turnos<sup>7</sup>. E a inquietação continua: O que é fazer essa entrevista inicial com o adolescente e seu responsável e, à partir disso, iniciar uma RELAÇÃO?

Inicia-se um exercício de “estar junto” e nesse período da medida, que é estabelecido a priori, mas que com essa experiência junto ao PPSC mostra-se necessário para além das 24 semanas<sup>8</sup> na maioria das situações. E outras cenas vão se produzindo.

### **2.1.5 Cena V - Entre balões**

Um adolescente. Ele já finalizara sua medida de PSC conosco, mas continuava freqüentando as oficinas. Uma tarde de oficina de balões de São João feitos de papel. Todo feliz com seus balões nas mãos mostra o que tinha realizado durante a oficina e comenta: “vou dar um para a Biane<sup>9</sup> e o outro vou pendurar lá em casa na sala”...

Esse fazer diário junto ao PPSC com os adolescentes em medida vai produzindo cenas, questões, problematizações, inquietações. Para situar os meandros em que sou pesquisadora e personagem, passo a descrever o cenário constituído pelas diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente sobre as medidas socioeducativas e o Programa de Prestação de Serviço à Comunidade da UFRGS.

## **2.2 MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS**

As medidas socioeducativas, cujas disposições gerais encontram-se previstas nos artigos 112 a 130 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº. 8.069/90), são aplicáveis aos adolescentes<sup>10</sup> que incidirem na prática de atos infracionais. Ato infracional descrito na Lei como crime e/ou contravenção penal.

<sup>7</sup> As entrevistas iniciais são realizadas em dois turnos para contemplar os adolescentes que estudam e/ou trabalham no turno inverso.

<sup>8</sup> Tempo máximo da medida de prestação de serviços à comunidade.

<sup>9</sup> Funcionária que o acompanha durante o trabalho desenvolvido em sua medida de PSC junto ao setor da Universidade que o recebe, neste caso uma Pró-reitoria.

<sup>10</sup> O ECA demarca como adolescente a pessoa de 12 anos completos a 18 anos incompletos.

A Medida Socioeducativa é a manifestação do Estado em resposta ao ato infracional praticado por adolescentes (como pessoas em desenvolvimento), cuja ênfase na imposição está, portanto, no caráter educativo da medida o que visa também a não reincidência.

A aplicação da Medida Socioeducativa deve respeitar a capacidade do adolescente em cumpri-la, as circunstâncias em que o ato infracional foi praticado e a gravidade da infração, pois cada adolescente está inserido em um contexto, em uma história e apresenta sua respectiva trajetória.

O ECA prevê dois grupos distintos de medidas sócio-educativas. O grupo das medidas sócio-educativas em meio aberto, não privativas de liberdade (Advertência, Reparação do Dano, Prestação de Serviços à Comunidade e Liberdade Assistida) e o grupo das medidas sócio-educativas privativas de liberdade (Semi-liberdade e Internação).

A advertência, a mais branda das medidas preconizadas pelo art. 112, esgota-se na admoestação solene feita pelo Juiz ao infrator em audiência especialmente pautada para isso; enquanto a reparação do dano supõe um procedimento de execução de medida que se exaure na contraprestação feita pelo adolescente, consoante estabelecido em sentença e cientificado o infrator em audiência admonitória.

A medida de prestação de serviços à comunidade (PSC) pressupõe a realização de convênio entre os Juizados e os demais órgãos governamentais ou comunitários que permitam a inserção do adolescente em programas que prevejam a realização de tarefas adequadas às aptidões do infrator. Forma-se aí o respectivo processo de execução de medida de PSC, com relatos mensais fornecidos pelo órgão conveniado onde o adolescente presta o serviço. A prévia escolha da entidade para onde o adolescente em PSC é encaminhado faz-se mediante avaliação de suas condições pessoais, em juízo de execução de medida. Há, portanto, uma fase pré-início da medida, buscando a definição da entidade mais adequada para receber o adolescente.

Decorrido o prazo de cumprimento, por período não excedente a seis meses, nova audiência marcará o encerramento da medida, em face dos relatos da instituição.



Na PSC e na LA, o adolescente é advertido de que o descumprimento injustificado da medida poderá resultar na regressão dessa medida **para outra** mais grave, até mesmo privativa de liberdade, quando o então módulo máximo de privação será de três meses (art. 122, § 1º).

Na liberdade assistida (LA) a autoridade designará pessoa capacitada para acompanhar o caso, a qual poderá ser recomendada por entidade ou programa de atendimento. O regime de semiliberdade pode ser determinado desde o início, ou como forma de transição para o meio aberto, possibilitada a realização de atividades externas, independentemente de autorização judicial. É realizado em uma instituição específica para tal situação. A internação constitui medida privativa de liberdade, e o período não poderá ultrapassar três anos.

Segundo Saraiva (2009), a eficácia das medidas socioeducativas depende da co-responsabilidade do Estado, da sociedade e da família em garantir proteção e desenvolvimento integral ao adolescente. Requer uma política de atendimento como conjunto articulado de ações governamentais e não governamentais em todos os níveis da Federação. Exige completo reordenamento institucional do sistema sócio-educativo, bem como a integração de órgãos do Judiciário, Ministério Público, Defensoria, Segurança Pública e Assistência Social, especialmente no atendimento inicial do adolescente envolvido com ato infracional (art. 88 - ECA).

Segundo Craidy (2009)<sup>11</sup>, as medidas socioeducativas decorrem da doutrina de proteção integral à criança e ao adolescente consagrada na Constituição Brasileira de 1988 e regulamentada no Estatuto da Criança e do Adolescente. A autora aponta que após 20 anos da promulgação do ECA podemos constatar que houve uma significativa expansão das mesmas, seja pelo reordenamento das internações seja pela progressiva implantação das medidas de meios aberto, Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade. Entretanto, apesar deste progresso e de experiências valorosas que têm sido destacadas pelo Prêmio Sócioeducando do ILNAUD, podemos afirmar, que as medidas sócio-educativas tem servido mais ao controle do que a emancipação dos adolescentes. Isto não apenas pelas dificuldades encontradas na sua implantação como falta de técnicos com a

---

<sup>11</sup> Prêmio Socioeducando – 3ª edição: práticas promissoras – garantindo direitos e políticas públicas. 1ª ed. São Paulo: Ilanud: Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República – SDH-PR, 2010.

devida formação, problemas de estrutura, limitações no funcionamento do judiciário, mas, principalmente, pelas condições sociais de exclusão em que vive a população que as tem atingido.

Craidy (2009) nos relata sua própria experiência frente à coordenação do Programa de PSC na UFRGS:

[. . .] contando com os dados de 1200 adolescentes que por ele passaram podemos afirmar que para a maioria deles o mais necessário seriam medidas protetivas e estas, em geral são insuficientes ou ausentes. Basta ver o perfil dos adolescentes em medida sócio-educativa. Pelo menos metade não frequenta regularmente a escola e a grande maioria está em defasagem idade série. Muitos estão envolvidos com drogas e mesmo quando querem dificilmente encontram tratamento adequado. Grande parte não conta com o apoio familiar consistente e não encontra nos abrigos o acolhimento necessário.

Para a autora, este quadro demonstra que são criminalizados exatamente os que antes foram privados de direitos fundamentais como educação, saúde, acolhimento familiar e comunitário. Nossas pesquisas demonstram que os que se evadem da medida são os que estão fora da escola, não contam com apoio familiar e muitas vezes têm sérios problemas de saúde, ou seja, os que sofrem um processo recorrente de exclusão. São estes também os que são assassinados com mais frequência e que lotam as cadeias fétidas e superlotadas de nosso sistema carcerário.

### 2.3 PROGRAMA DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE NA UFRGS

Conforme relato de Craidy e Gonçalves (2005), em abril de 1997 a Universidade Federal do Rio Grande do Sul assinou convênio com a 3ª Vara do Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre, objetivando o recebimento de adolescentes em conflito com a lei para o cumprimento da medida sócio-educativa de Prestação de Serviços à Comunidade.

Segundo o artigo 112 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei Federal 8.060/1990), verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas:

I – advertência;

- II – obrigação de reparar o dano;
- III – prestação de serviços à comunidade;
- IV – liberdade assistida;
- V – inserção de regime de semiliberdade;
- VI – internação em estabelecimento educacional;
- VII – qualquer uma das previstas do art. 101, I a VI.

De acordo com o artigo 117 do ECA:

A prestação de serviços comunitários consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente a seis meses, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais.

Parágrafo único: As tarefas serão atribuídas conforme as aptidões do adolescente, devendo ser cumpridas durante jornada máxima de oito horas semanais, aos sábados, domingos e feriados ou em dias úteis, de modo a não prejudicar a freqüência à escola ou à jornada normal de trabalho.

Em agosto de 1997, a Faculdade de Educação da UFRGS (FACED) foi convidada a coordenar o Programa, que antes estava sob responsabilidade do Departamento de Desenvolvimento e Recursos Humanos (DDRH) da Universidade. Houve a preocupação de afirmar o caráter educativo e abrir campo para a pesquisa, considerando que a Universidade tem como função o desenvolvimento do saber efetivada no trinômio pesquisa, ensino e extensão.

O primeiro convênio entre a Universidade e o Juizado da Infância e Juventude teve a vigência de cinco anos. A cada ano passaram cerca de cem adolescentes pelo Programa.

No ano de 2000 ocorreu a municipalização<sup>12</sup> das medidas socioeducativas em meio aberto, seguindo os preceitos do artigo 88<sup>13</sup>, inciso I, do ECA. O município de Porto Alegre, através da Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC), e o Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, através da 3ª Vara do Juizado

<sup>12</sup> Conforme SINASE (2006), o significado da municipalização do atendimento no âmbito do sistema socioeducativo é que tanto as medidas socioeducativas quanto o atendimento inicial ao adolescente em conflito com a lei devem ser executados no limite geográfico do município, de modo a fortalecer o contato e o protagonismo da comunidade e da família dos adolescentes atendidos.

<sup>13</sup> Art. 88. São diretrizes da política de atendimento: I – **municipalização do atendimento**;

Regional da Infância e da Juventude de Porto Alegre, firmaram convênio para a realização em conjunto do Programa de Execução de Medidas Sócio-Educativas em Meio Aberto (PEMSE).

Neste ano de 2010, o PEMSE passa a fazer parte de uma nova estrutura, com a instituição do Sistema Único de Assistência Social – SUAS. O PEMSE nessa nova configuração do SUAS em Porto Alegre, está dentro dos serviços de média complexidade, ou seja, executada nos Centros de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS. O PPSC passa a receber adolescentes do CREAS Partenon e CREAS Lomba do Pinheiro.

Na sua tarefa de fazer cumprir uma medida judicial, o PPSC da UFRGS tem como diretriz intervir de forma educativa, pois considera essa ação inerente à definição de medida socioeducativa, e também, enquanto medida judicial concebida dentro da doutrina de proteção integral.

Craidy e Gonçalves (2005) destacam que o Programa de PSC da UFRGS, desde então, passou a ter os seguintes objetivos:

- a) oportunizar que adolescentes em PSC vivenciem uma experiência positiva de trabalho e de relações humanas;
- b) orientar os adolescentes e tentar ajuda-los a superar os problemas que os levaram a cometer atos infracionais;
- c) motivar e orientar os adolescentes em PSC para que retornem, quando for o caso, para a escola;
- d) encaminhar os adolescentes em PSC a serviços especializados sempre que necessário;
- e) gerar na vida cotidiana da Universidade um novo olhar sobre a problemática do adolescente autor de ato infracional, sobre a violência e sobre a exclusão social;
- f) desenvolver pesquisas que caracterizem a problemática vivida por esses adolescentes e que possibilitem avanços na construção de uma pedagogia voltada para essa problemática.

As autoras destacam que, a partir da experiência do PPSC, a medida socioeducativa neste programa deveria seguir os seguintes princípios:

- a) ser considerada como medida educativa e não como uma simples punição, através da colocação do adolescente no trabalho, o que poderia gerar uma visão negativa da medida e até mesmo do trabalho;
- b) revestir-se de significado social e ético;
- c) proporcionar, sempre que possível que as atividades a serem desenvolvidas oportunizem novas aprendizagens e/ou acesso a novos conhecimentos;
- d) possibilitar que o adolescente sinta-se útil e possa refletir sobre as ações praticadas no passado e sobre o que visualiza para o futuro;
- e) oportunizar relações pessoais positivas favoráveis ao adolescente que a cumpre.

Para que esses objetivos e princípios se realizem, as autoras apontam que é indispensável que no local de cumprimento da medida, onde o adolescente desempenhará suas tarefas, exista uma pessoa que oriente e que exerça a função de educador, ensinando-o a trabalhar e estabelecendo com ele relações positivas.

Além do ORIENTADOR<sup>14</sup> no trabalho cotidiano na UFRGS nos diferentes setores que os recebem, também temos o Referência.<sup>15</sup> No PPSC o referência faz parte da equipe central (pedagogo, psicólogo, bolsistas de pesquisa e extensão em pedagogia, psicologia, ciências sociais, história.) que buscam no contato com os adolescentes e na supervisão aos orientadores, efetivar a dimensão pedagógica da medida.

No setor, o adolescente tem, como ORIENTADOR, um funcionário designado para acompanhar na execução de seu trabalho durante todo o período de cumprimento da medida (máximo 24 semanas – sendo de 4 a 8 horas semanais). Este funcionário é aquele que orienta e acompanha o adolescente durante toda a sua medida sobre suas atividades no setor de trabalho.

---

<sup>14</sup> Segundo o SINASE, o ORIENTADOR SOCIOEDUCATIVO é o profissional do local de prestação de serviço diretamente ligado ao exercício da atividade realizada pelos adolescentes.

<sup>15</sup> O REFERÊNCIA SOCIOEDUCATIVO é o profissional de nível superior ou com função de gerencia ou coordenação nos locais de prestação de serviço comunitário, que será responsável geral tanto pelos adolescentes prestadores de serviço comunitário, quanto pelo funcionário guia (orientador), conforme SINASE (2006).

Contamos com 5 setores<sup>16</sup> da Universidade onde os jovens realizam suas atividades de PSC. E os adolescentes auxiliam nas demandas específicas de cada setor, exemplos destas atividades seriam: retiradas e entregas de processos do protocolo, entrega de documentos em diferentes setores da Universidade, xérox, organização de livros, colocação de anti-furto em livros, auxílio e acompanhamento na confecção de livros, oficina de reciclagem de papel, dobradura de folder produzido pela gráfica, organização de jornais, etc.

Hoje, 2010, somos<sup>17</sup> uma unidade de execução do PEMSE que recebe jovens do CREAS Partenon e CREAS Lomba do Pinheiro com aproximadamente 25 jovens/mês em cumprimento da Medida. Há no Banco de Dados do PPSC, em outubro de 2010, 1300 entradas de adolescentes para o cumprimento de sua PSC encaminhados pelo PEMSE nos últimos anos e pelo Juizado nos primeiros anos.

Os jovens são encaminhados pelo PEMSE com sua documentação de apresentação (guia de inclusão e demais documentos do PEMSE) e devem se apresentar com um responsável para uma entrevista de acolhimento (entrevista inicial) junto ao PSC/FACED.

Nessa entrevista inicial, o objetivo é oferecer um espaço de acolhimento e de escuta. Nesse momento procuramos ter um primeiro panorama da trajetória do jovem, a situação e o contexto de seu ato infracional e, nos apresentamos enquanto Programa de PSC, apresentamos a Universidade, escutamos o jovem e seu responsável acerca de suas expectativas quanto à medida.

Também, orientamos sobre nossos procedimentos ao executar a Medida Socioeducativa (uma orientação e esclarecimento de algumas normas e combinações da própria equipe com os setores). Em seguida, o adolescente e seu responsável respondem um questionário que alimenta nosso Banco de Dados com perguntas fechadas e abertas sobre suas condições sociais e econômicas, bem como, seu ato infracional e sua relação com a escola.

Em 2009, seguindo as orientações e os parâmetros especificados no SINASE<sup>18</sup> que se constitui de uma política pública destinada à inclusão do

<sup>16</sup> Pro-reitoria de Planejamento, Gráfica, Restaurante Universitário, Biblioteca da Faculdade de Educação e Secretaria do Pós Graduação da FACED.

<sup>17</sup> “somos”, pois me incluo por trabalhar junto a equipe do Programa de PSC há 5 anos.

<sup>18</sup> Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, reafirma a diretriz do Estatuto sobre a natureza pedagógica da medida socioeducativa. O SINASE é o conjunto ordenado de

adolescente em conflito com a lei que se correlaciona e demanda iniciativas dos diferentes campos das políticas públicas e sociais<sup>19</sup>, iniciamos a proposta e execução de um Plano Individual de Atendimento – PIA.

Segundo o SINASE (2006), as ações socioeducativas devem exercer uma influência sobre a vida do adolescente, contribuindo para a construção de sua identidade, de modo a favorecer a elaboração de um projeto de vida, o seu pertencimento social e o respeito às diversidades (cultural, étnico-racial, de gênero e orientação sexual), possibilitando que assuma um papel inclusivo na dinâmica social e comunitária.

E neste sentido, o documento ressalta a importância de criarmos (todas as instâncias envolvidas) acontecimentos que fomentem o desenvolvimento da autonomia, da solidariedade e de competências pessoais relacionais, cognitivas e produtivas.

Para tanto, a elaboração do Plano Individual de Atendimento (PIA) constitui-se numa importante ferramenta no acompanhamento da evolução pessoal e social do adolescente e na conquista de metas e compromissos pactuados com esse adolescente e sua família durante o cumprimento da medida socioeducativa. A elaboração do PIA se inicia na acolhida do adolescente no Programa, e em nossa situação na entrevista inicial.

O SINASE sugere nesse primeiro momento a execução de um diagnóstico polidimensional por meio de intervenções técnicas junto ao adolescente e sua família, nas áreas: jurídica, saúde, psicológica, social e pedagógica. Afirmando que a evolução ou crescimento pessoal e social do adolescente deve ser acompanhado diuturnamente, no intuito de fazê-lo compreender onde está e aonde quer chegar e seu registro deve se dar no PIA.

Para a execução deste PIA junto ao PPSC, sempre levamos em consideração situações específicas de cada adolescente, e também, são acrescentadas outras

---

princípios, regras e critérios, de caráter jurídico, político, pedagógico, financeiro e administrativo, que envolve desde o processo de apuração de ato infracional até a execução de medida socioeducativa. Esse sistema nacional inclui os sistemas estaduais, distrital e municipais, bem como todas as políticas, planos e programas específicos de atenção a esse público.

<sup>19</sup> Sistema Educacional, Sistema de Justiça e Segurança Pública, Sistema Único de Saúde – SUS e Sistema Único da Assistência Social – SUAS.

necessidades ao PIA durante o acompanhamento, situações que vão se apresentando conforme o andamento do atendimento e a demanda do adolescente.

O PIA no PPSC consta de: atendimento à saúde (estes encaminhamentos são realizados buscando uma atenção integral à saúde e, também, incluindo o cuidado em situações de uso de álcool e outras drogas), encaminhamento escolar, documento de identidade, CPF, carteira de trabalho, encaminhamento a cursos e/ou estágios, inscrições e preparação para entrevistas de trabalho (e outras situações relativas à profissionalização), situação processual e providências necessárias, entre outros.

Também quando o adolescente se apresenta na entrevista inicial apresentamos as oficinas, como uma atividade que dá início junto ao PPSC, e que passará a atividade complementar a partir do seu encaminhamento ao setor que tem como previsão acontecer na segunda oficina.

O adolescente participa de duas oficinas e na segunda é orientado sobre o início do trabalho que se dará em um setor desta Universidade: o dia, e o horário que cumprirá sua medida, o número de semanas é retomado nesse momento, abrindo-se a possibilidade de uma nova discussão com o adolescente sobre suas expectativas em relação à medida, e também, como ele a partir dessas oficinas vivenciadas deseja continuar sua medida – abre-se um espaço de fala mais individualizada.

Salientamos a não obrigatoriedade de participar das oficinas deste momento em diante, mas colocamos que estas estão abertas ao adolescente e que existe uma autorização concedida pelo Juiz da Infância e Juventude de Porto Alegre de que cada três oficinas freqüentadas diminuem um dia de PSC.

Ao final da medida, o jovem é avaliado pelo setor em que trabalhou – o orientador faz uma descrição de como foi o processo de medida do jovem (documento do PEMSE de conclusão é preenchido e encaminhado para finalização da medida). Nossa equipe do PPSC também realiza conjuntamente com o jovem uma avaliação de como foi a medida socioeducativa para ele/ela, de como percebemos seu envolvimento durante este tempo juntos – neste momento costumamos dar um devolução deste acompanhamento. O adolescente preenche um documento de avaliação do programa e de todo esse momento em que esteve



junto ao PPSC, esse documento é arquivado com os documentos que o acompanharam durante a medida.

Dentre as atividades do programa, também se inclui a supervisão aos setores da Universidade onde os adolescentes cumprem sua medida de PSC. Esta supervisão com os orientadores objetiva que estes se sintam acompanhados durante o trabalho com os adolescentes, que acontece com frequência mensal ou conforme necessidade do setor.

Essa aproximação tem o intuito de estabelecer um diálogo, uma relação com o setor onde o adolescente cumpre a sua medida, propondo aos orientadores uma compreensão da abordagem pedagógica necessária ao acompanhamento do adolescente. Segundo o SINASE (2006), ao estabelecer essas relações e diálogos com os setores há uma tentativa de garantir que os locais de prestação de serviço comunitário sejam Unidades que compartilhem dos mesmos princípios e diretrizes pedagógicas do SINASE e conseqüentemente das entidades de atendimento socioeducativo.

O PPSC tem desenvolvido desde novembro de 2009, um espaço de escuta e acolhimento com os pais e/ou responsáveis dos adolescentes em PSC, e também, aos familiares dos egressos do PPSC. Esses encontros com os familiares acontecem mensalmente, no turno da noite para contemplar os que trabalham.

Esse espaço de escuta tem acolhido as demandas desses familiares e/ou responsáveis acerca de temáticas pertinentes para esse momento que vivenciam com o adolescente – que podem estar voltadas para a situação da medida judicial, o cumprimento da PSC e outras medidas (Liberdade Assistida ou Medida Protetiva), e também, outras situações são solicitadas nos encontros pelos responsáveis como: diferentes formas de lidar com os filhos, relação com a escola, relação com os amigos, relação com a comunidade, tráfico, construção das regras em casa, uso de drogas.

Outra atividade é o acompanhamento de alguns adolescentes que passaram pelo PPSC e que estão na FASE<sup>20</sup>. Nessas situações, buscamos o

---

<sup>20</sup> FASE – Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul. A FASE tem por finalidade a implementação e a manutenção do sistema de atendimento responsável pela execução do Programa Estadual de Medidas Sócio-Educativas de Internação e

acompanhamento dos adolescentes em audiências para progressão de medida e/ou audiências avaliativas, compondo uma parceria com os técnicos da FASE, e mantendo a relação anterior com o adolescente numa tentativa de dar um suporte e promover ações de orientação nesse percurso de internação.

Buscamos problematizar com o adolescente, com seus familiares e técnicos responsáveis pelo acompanhamento junto à FASE, sobre a sua volta à liberdade e as diferentes possibilidades de vivenciar essa liberdade. Temos salientado que ter chegado até essa situação “extrema” de privação de liberdade não é uma dinâmica simples, e não podemos deixar de lidar com a situação como um “processo” a ser reconhecido por todos.

Esse adolescente e todo o cenário que ficou para trás não se extingue durante sua internação. Existem processos que ele terá de rever e cabe a todos os envolvidos<sup>21</sup> o auxiliarem e acompanharem para um efetivo exercício de liberdade.

Há seis anos o PPSC mantém reuniões de equipe de forma sistemática com frequência semanal. Nessas reuniões todos da equipe (Professores, Técnicos, Bolsistas, Estagiários e Voluntários) se encontram com o intuito de produzir um momento de fala e reflexão sobre seu fazer. Coletivamente são avaliadas as intervenções e as demandas do atendimento cotidiano do Programa, bem como, encaminhamentos necessários.

A equipe do Programa mantém ainda um contato com os jovens, quando estes se apresentam ao Programa para conversar no dia de sua medida, discutir os encaminhamentos, fazer um lanche ou pegar o vale-transporte, que são fornecidos pela FASC<sup>22</sup>.

O PPSC operacionaliza aquilo que é apontado como o papel social da Universidade, a saber, a integração entre os eixos de ensino, pesquisa e extensão. O atendimento diário oferecido pelo Programa aos adolescentes e seus responsáveis produz, enquanto extensão, esse acolhimento às demandas das comunidades, o estabelecimento de parcerias com outras instituições, ampliando dentro da própria Universidade – que recebe os adolescentes para cumprirem sua

---

Semiliberdade, aplicadas judicialmente aos adolescentes que cometem ato infracional, efetivando as obrigações previstas na legislação quanto às Unidades de Atendimento.

<sup>21</sup> Adolescente, família, comunidade, técnicos, PPSC, juizado, entre outros.

<sup>22</sup> FASC – Fundação de Assistência Social e Cidadania, trabalha com jovens em medidas de Liberdade Assistida - LA e Prestação de Serviços à Comunidade - PSC através do Programa Municipal de Execução de Medias Socioeducativas em Meio Aberto – PEMSE.

medida socioeducativa de PSC em diferentes setores – o debate sobre a problemática da juventude x violência.

Também vem promovendo e consolidando convênios com órgãos e instituições externas, a fim de dar andamento aos encaminhamentos necessários, assim, fomentando espaços de troca com a comunidade através de fóruns, cursos de extensão, seminários, simpósios entre outros.

Quanto ao ensino e à pesquisa, o Programa, por estar vinculado ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Exclusão e Violência Social – NUPEEEVS acolhe estudantes e pesquisadores de diferentes modalidades acadêmicas através de estágios, pesquisas e bolsas de extensão na graduação, bem como, pesquisas de mestrado e doutorado que têm interesse em estudar a temática.

Também conta com um banco de dados informatizado onde constam informações de todos os adolescentes que passaram pelo Programa, o qual permite produzir diferentes variáveis e cruzamentos de estudo acerca dos adolescentes que cumprem medida de PSC na UFRGS, possibilitando uma aproximação de fatores do contexto sócio-econômico e cultural em que estão inseridos.

Além do banco de dados há no PPSC todo o registro acerca do acompanhamento individual de cada adolescente que por ali passou nesses 13 anos, até outubro de 2010 totalizando 1330 adolescentes.

O PPSC é um espaço, que não se restringe a execução da medida socioeducativa de PSC, com as exigências que esta demanda<sup>23</sup>. O Programa vem buscando em suas práticas uma real escuta e aproximação aos adolescentes e de suas trajetórias de vida. Isso ocorre tanto nos encaminhamentos e atendimentos do dia a dia do Programa como através das oficinas socioeducativas, temática desta pesquisa. Mas como as oficinas foram emergindo na estratégia socioeducativa no PPSC?

---

<sup>23</sup> Encaminhamento ao setor para cumprir o trabalho, acompanhar a frequência do cumprimento da medida, realizar avaliações periódicas com orientadores, avaliação inicial e final do adolescente, entre outras atividades diretamente relacionadas à execução da medida socioeducativa.

## 2.4 COMO SURGE A OFICINA NO PPSC

Em 2003 houve uma greve na Universidade, fechando os setores em que os jovens estavam cumprindo sua prestação de serviço comunitário – os setores ficaram fechados e sem os funcionários. Nesse momento foi solicitado ao juizado autorização para que a carga horária semanal de medida de PSC fosse substituída, em caráter provisório, pelas oficinas educativas ministradas pela Coordenadora Executiva do Programa daquela época.

Nesse ano de 2003 avaliou-se que a experiência de estar em grupo com os adolescentes do PPSC foi positiva e possibilitou uma abordagem diferenciada e a equipe julgou importante continuar com esse espaço paralelamente à medida de forma eletiva.

A partir de 2003 as oficinas passaram a compor a intervenção do PPSC junto aos adolescentes que cumpriam sua medida socioeducativa vinculados ao Programa.

Em agosto de 2005, foi concedida autorização expedida pelo Juiz da 3ª Vara do Juizado da Infância e Juventude, Dr. Leoberto Brancher, autorizando o Programa de PSC a conversão da participação dos jovens em oficinas como dias de cumprimento de medida socioeducativa de PSC, sendo que a cada três participações em oficinas equivalem a um dia de presença na PSC. Mas as oficinas continuam a funcionar com caráter eletivo – o jovem frequenta conforme seu interesse e disponibilidade.

Em março de 2006, as oficinas passam a ser oferecidas em dois turnos (manhã e tarde) para contemplar os adolescentes em turno inverso ao da escola, trabalho e/ou medida junto ao PSC.

Em março de 2010, a equipe do PSC passa a ter como proposta a entrada dos adolescentes no Programa pelas oficinas. Estes após a entrevista inicial de acolhimento junto ao PSC passam a integrar o grupo das oficinas – com obrigatoriedade de frequentar duas delas, para em seguida, na terceira oficina ter o encaminhamento ao setor da Universidade para iniciar sua medida. A partir deste momento, com a possibilidade de optar pelas oficinas se for do seu interesse e disponibilidade. As oficinas continuam ocorrendo em dois turnos inversos.

As oficinas estão direcionadas à população juvenil vinculada ao PPSC, o que não impede a circulação eventual e participação de adolescentes egressos do Programa, ou seja, que não estão em cumprimento de medida. Essas acontecem semanalmente no período de março a dezembro.

O grupo que coordena as oficinas é composto por uma técnica do PPSC, bolsistas vinculados ao Programa (pedagogia, história, ciências sociais, entre outros.), estagiários do Grupo de Extensão Estação Psi do Departamento de Psicologia Social e Institucional desta Universidade e, também, por convidados que oferecem diferentes abordagens e atividades.

Dentre as atividades realizadas pelas oficinas socioeducativas temos: grafite, muralismo, stêncil, fanzine, música, atividades corporais, xilogravura, fotografia, oficina de papietagem, construção de móveis, futebol, *tampbol*, xadrez, jogos diversos, livro artesanal, música, produção de instrumentos musicais. Também, atividades de circulação pela Cidade como ida à museus, bibliotecas, feiras, parques, órgãos públicos, exposições fotográficas, filmes e/ou seminários e debates com convidados externos sobre assuntos relevantes.

Os objetivos das oficinas no projeto do PPSC são:

- a) proporcionar um espaço de acolhimento;
- b) promover relacionamento entre os adolescentes e a equipe do programa;
- c) favorecer vínculo com o programa e com a Universidade;
- d) organizar espaço de trocas e participação;
- e) possibilitar o reconhecimento de si no diferente;
- f) oferecer a vivência de um ambiente organizado e a possibilidade de reorganizá-lo;
- g) proporcionar o contato com atividades e materiais diversos (informática, artes plásticas, expressão corporal e musical, etc.);
- h) desenvolver a reflexão de si e do mundo.

Ao percorrer o processo de como vem se configurando esse espaço junto ao PPSC, emerge um pensar sobre esse tempo/espaço dos encontros de três horas semanais com esses adolescentes que nos leva a problematizar este ENCONTRO.

A prática evidenciou que para afirmar os princípios educativos do PPSC é necessário uma postura que contemple atitudes de acolhimento, respeito e não discriminação. Há um encontro com esse outro, e a partir deste propõe-se uma intervenção educativa.

Segundo Gallo (2009), a educação é, necessariamente, um empreendimento coletivo. Para educar – e para ser educado – é necessário que haja ao menos duas singularidades em contato. Este autor afirma que educação é encontro de singularidades. Se quisermos falar espinosamente, há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza. A educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros.

Deleuze em *Diferença e Repetição* (2006, p. 237), afirma que não é possível saber ou controlar como alguém aprende. Podemos inventar métodos para ensinar, mas o vínculo que une o aprendiz ao ensino, de uma forma que pode ser prevista e controlada, só faz sentido no âmbito da filosofia da representação e não passa, portanto, de uma ficção. Não há métodos para aprender e não é possível saber de antemão que forças se movem numa singularidade quando sua potência é aumentada pelo aprendiz. Mais do que falar de uma educação **do** outro, importaria falar, então, em educação **pelo** outro, e sua chave é o acontecimento.

Segundo Deleuze (2006, p. 238), educação **pelo** outro, uma vez que se a educação é uma mudança de estado, se o aprendiz é a passagem do não saber ao saber, esse movimento é feito pela mediação do outro, seja este outro uma singularidade (um professor ou um amigo, por exemplo) ou uma coisa qualquer (um livro, um filme...). O momento de passagem do não-saber ao saber é um acontecimento, um momento infinitesimal que dura uma eternidade. Um tempo que é da ordem do intensivo (*Aion*) que não pode ser medido ou cronometrado.

As cenas da experiência vivida entre políticas do PPSC, SINASE, ECA, vão afirmando esse tempo-encontro e constituindo variações neste espaço e no modo como o mesmo é vivenciado pelos seus participantes. As oficinas socioeducativas potencializam esse encontro através de um processo de experimentação de si e de outras possibilidades pensadas a partir da medida e nos diferentes grupos de adolescentes que vão compondo as Oficinas. Fomos observando que os

adolescentes que participam das oficinas acabam por ter maior proximidade com a equipe como um todo e do próprio Programa. Essa relação que se constitui a partir do espaço das oficinas tem produzido no próprio PPSC a constante necessidade de problematizar esse espaço como uma marca metodológica na intervenção do PPSC junto aos adolescentes. Nelas conseguimos experimentar uma relação mais próxima com os adolescentes e com o universo que trazem consigo. No espaço em que eles nos falam de si, há uma voz que circula e que produz sons, palavras, histórias, situações. É neste processo que foram emergindo as questões que orientam esta pesquisa.

### **3 QUESTÃO DE PESQUISA E OBJETIVOS**

Nas subseções são apresentadas as questões de pesquisa e os objetivos deste trabalho.

#### **3.1 QUESTÕES DE PESQUISA**

Há no espaço do PPSC a produção de uma “intervenção educativa” ao propor as oficinas como uma metodologia de trabalho e de acompanhamento dos adolescentes em medida?

Como acontece a intervenção educativa nas oficinas do PPSC ao compor a metodologia de trabalho com os adolescentes em medida?

O que as oficinas do PPSC possibilitam ao adolescente no encontro de produção de si e de exercício ético nas relações?

#### **3.2 OBJETIVOS**

Sistematizar a experiência das oficinas desenvolvidas no Programa de Prestação de Serviços à Comunidade da UFRGS.

Analisar o processo educativo da oficina desenvolvido no exercício metodológico de intervenção junto aos adolescentes no Programa de Prestação de Serviços à Comunidade da UFRGS.

Descrever o que a oficina possibilita para o adolescente nas relações pessoais, com os colegas e com a equipe.

Discutir as repercussões da experiência da oficina na relação do adolescente com a medida socioeducativa.



## 4 LINHAS DE UMA METODOLOGIA

Apresenta-se, a seguir, a metodologia utilizada para atingir os objetivos acima propostos.

### 4.1 PESQUISA INTERVENÇÃO COMO MODO DE INVESTIGAÇÃO

**Uma entre tantas...**



**Figura 2 – Início.**  
**Fonte:** Arquivos da Autora.

[. . .] existe uma imagem entre tantas, que me assombra. Como aproximá-la das palavras? Parece-me que a imagem só existe sob o crivo daquelas. Que intervalo é este entre a imagem e a palavra? (DERDYK, 2001, p. 49)

Ao convocarmos essa imagem e fazê-la a linguagem de apresentação da nossa metodologia de pesquisa temos como problematização inicial a escolha da Pesquisa-Intervenção como proposta metodológica. Esta enquanto uma construção metodológica que foi sendo produzida no cenário da pesquisa e, como afirmam Rocha e Aguiar (2003), colocando em questão a construção de uma “atitude de pesquisa” que radicaliza a idéia de interferência na relação sujeito/objeto pesquisado.

Esta foto foi feita com o grupo de jovens durante uma oficina de visitação a uma exposição fotográfica que aconteceu em nossa cidade. O grupo nessa exibição

de fotos passou a realizar uma intervenção nas imagens produzindo sombras que representavam pássaros. O resultado foi a foto acima que se apresentou como uma das tantas imagens imperativas e voluntariosas que teimam em tornar-se presentes em nosso arquivo de pesquisa e ocupam um espaço e um lugar de expressão nos acontecimentos das oficinas.

Na imagem, as sombras produziram uma relação figura/fundo, e o que estamos querendo apresentar aqui é justamente essa relação/composição que se deu a partir de uma brincadeira, e o quanto foi vigoroso poder apreciar essa foto junto ao grupo posteriormente. Ousamos propor as correlações: figura/fundo – relação/composição – pesquisador/objeto pesquisado.

Assim, nos aproximamos do que Rocha e Aguiar (2003) salientam quando afirmam que na pesquisa-intervenção, a relação pesquisador/objeto pesquisado é dinâmica e determinará os próprios caminhos da pesquisa, sendo uma produção do grupo envolvido. Pesquisa é, assim, ação, construção, transformação coletiva, análise das forças sócio-históricas e políticas que atuam nas situações e das próprias implicações, inclusive dos referenciais de análise.

Para as autoras, é um modo de intervenção, na medida em que recorta o cotidiano em suas tarefas, em sua funcionalidade, em sua pragmática – variáveis imprescindíveis à manutenção do campo de trabalho que se configura como eficiente e produtivo no paradigma do mundo moderno.

A pesquisa-intervenção, conforme Rocha e Aguiar (2003) vêm viabilizando trabalhos de campo que colocam em análise instituições que determinam a realidade sócio-política e os suportes teóricos-técnicos, construídos no território educacional. Não há, portanto, o que ser revelado, descoberto ou simplesmente interpretado, mas criado.

Nossa metodologia se produziu entre o pesquisar e o intervir, pois a análise das oficinas foram propostas dentro do próprio espaço de intervenção, e também, por tratar de um projeto socioeducativo que coloca em interseção pesquisa e extensão, universidade e comunidade.

Na pesquisa-intervenção busca-se uma relação entre o pesquisar e o intervir através da metodologia desenvolvida. Os conceitos-ferramentas são, ao mesmo tempo, operadores da oficina e operadores de análise.

Barros (1994) desenvolve a idéia da indissociabilidade entre a pesquisa e a intervenção: “o momento da pesquisa é o momento da produção teórica, o momento da pesquisa é o momento da intervenção” (AGUIAR E ROCHA, 2004). Poderíamos, a partir destes autores, afirmar que o momento da pesquisa coincide com o instante da produção teórica.

#### 4.2 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS – MODO DE PESQUISAR

Até este momento, apresentamos o cenário que possibilitou a construção desta pesquisa através do percurso teórico-prático que produziu uma metodologia com caráter de intervenção.

Nosso método de pesquisa foi se produzindo em nosso fazer diário enquanto atuávamos nas oficinas, compondo o exercício da própria investigação deste estudo. E, conforme Maraschin (2004), a pesquisa-intervenção também atua como uma maneira de investigar que pode proporcionar uma interação entre o pesquisador e o pesquisado, de modo que este último é capaz de intervir, tanto na própria pesquisa como no próprio pesquisador.

A partir de agora, convidamos o leitor/leitora deste estudo para adentrar no campo empírico. Para isso, descreveremos cenas das OFICINAS SOCIOEDUCATIVAS nessa tentativa de uma aproximação do vivido nessa experiência de pesquisa.

A experiência aqui descrita tem como tempo/espaço o período de acompanhamento das oficinas de outubro de 2009 à julho de 2010<sup>24</sup>. Este período é escolhido considerando a participação da pesquisadora na equipe de coordenação desta atividade junto ao PPSC. Também, a qualificação do projeto de dissertação afirmou a oficina como questão de pesquisa e a possibilidade de construir esse modo de pesquisar-intervir.

As oficinas socioeducativas junto ao PPSC ocorreram com frequência semanal, em dois turnos diferentes (manhã e tarde) com duração de 3 horas cada. Elas seguem o calendário da Universidade, ou seja, suas atividades iniciaram em março e encerraram em dezembro. No mês de janeiro elas acontecem sob outra

---

<sup>24</sup> Todo material de registro e análise dessa pesquisa encontra-se em um portfólio das oficinas junto ao PPSC, como também, nos arquivos de acompanhamento dos adolescentes, arquivos fotográficos das oficinas e no banco de dados do programa.

modalidade – por exemplo: ciclo de cinema envolvendo debates de filmes. Em fevereiro houve recesso das mesmas. Neste mês a equipe organizou as atividades que envolveram o acolhimento e a preparação da reabertura das atividades em março. Considerando essa organização, as cenas que são analisadas neste trabalho de dissertação estão inscritas no período de março a julho de 2010, que envolve um calendário de pleno funcionamento do PPSC. Os sujeitos participantes desta pesquisa são os 46 adolescentes que estiveram nas oficinas vinculados ao PPSC, com uma média de frequência de 10 adolescentes por encontro da oficina.

Durante este período da pesquisa o grupo de adolescentes esteve acompanhado pela pesquisadora e outro membro da equipe em cada turno da oficina.

O ingresso dos adolescentes nas oficinas se deu automaticamente ao ingressar no PPSC para cumprir sua medida de Prestação de Serviço à Comunidade – PSC. Estes participaram de duas oficinas ao chegarem ao Programa e somente na segunda foram encaminhados ao setor da Universidade para iniciar sua medida. A partir desse momento a sua presença na oficina foi eletiva, e se tiver optado por continuar nas oficinas há cada três oficinas frequentadas substituíram 4 horas de sua PSC conforme acordo concedido pelo judiciário desde 2005. Também, este espaço das oficinas está aberto para a participação dos egressos que cumpriram sua PSC junto ao Programa, no primeiro semestre de 2010 tivemos a participação de 6 egressos nas oficinas. Não há nenhum custo por parte do adolescente para vir participar das oficinas<sup>25</sup>.

As oficinas aconteceram nas terças-feiras junto ao PPSC<sup>26</sup>, e se apresentam da seguinte forma:

a) A oficina da manhã:

- Café da manhã – 08h30min h às 09h00min h
- Atividades – 09h00min h às 11h30min h
- Organização do espaço e fechamento da oficina – 11h30min h

<sup>25</sup> Esse deslocamento é custeado a partir da parceria do PPSC/UFRGS com o PEMSE e outras instituições, assim como há a previsão de vale-transporte para as oficinas em projetos externos de captação financeira.

<sup>26</sup> Mesmo oficinas de circulação pela cidade, ou outras atividades externas, combina-se o encontro de todos no PPSC e este é o ponto de partida da atividade, todos se deslocam juntos para a atividade previamente combinada.

b) A oficina da tarde:

- Início das atividades – 14h30min h às 17h00min h
- Café da tarde – 17h00min h
- Organização do espaço e fechamento da oficina – 17h30min h

A proposta da Oficina Socioeducativa desenvolvida de março a julho de 2010 teve dois momentos:

#### **4.2.1 Oficina Zoom**

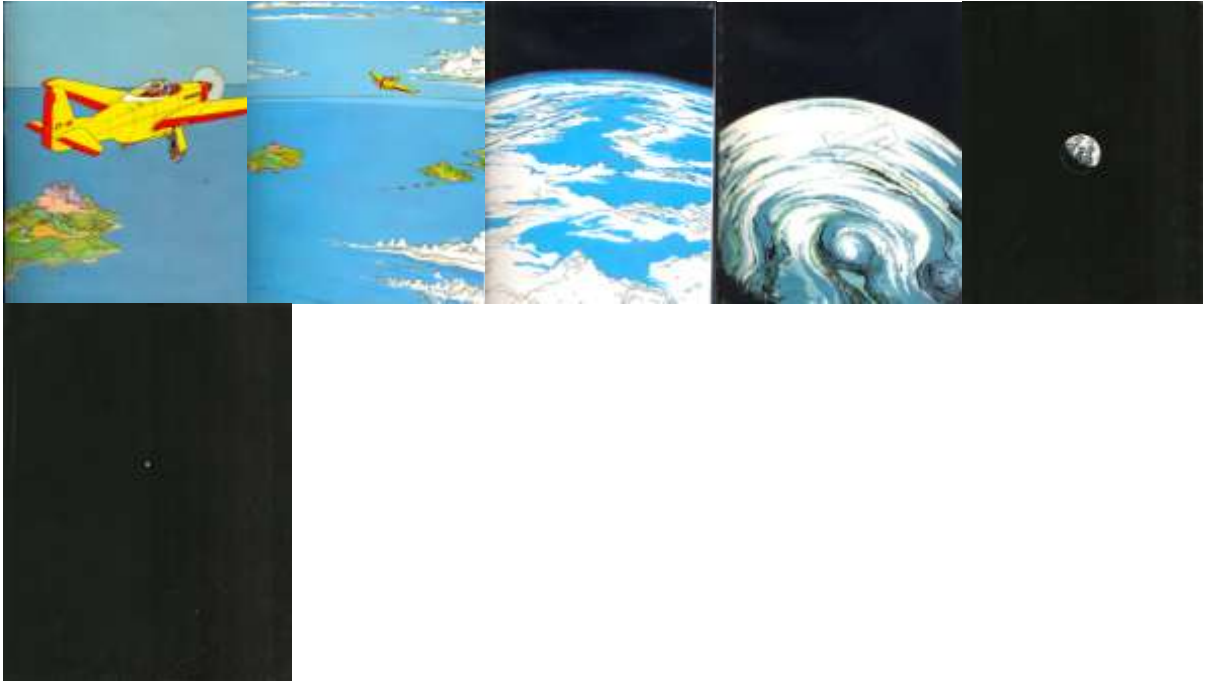
Como uma proposta de abertura das oficinas para 2010, realizamos um projeto inicial de um acolhimento para os adolescentes que chegaram nesse ano para cumprir sua PSC junto ao PPSC. Denominamos essa oficina de abertura **Oficina Zoom**, com previsão de quatro semanas e as seguintes atividades:

- a) Apresentação das oficinas e da UFRGS;
- b) Apresentação do grupo;
- c) Exibição e problematização do livro “Zoom” digitalizado.
- d) A partir da experiência com o livro provocar atividades (Ver Anexo I) que possibilitem percepção de si, do outro, do lugar e das relações destes;
- e) Visita a um local da UFRGS.

O livro Zoom, do autor Istvan Banyai (1995) foi escolhido por sua forma simples e provocativa de produzir um deslocamento do olhar. Suas ilustrações (Figura 3) saltam aos olhos e dão a sensação ao espectador de que este se afastou rapidamente. Este livro como um dispositivo para iniciarmos uma conversa sobre as nossas experiências que remetem a este deslocamento de olhar que o livro propõe.







**Figura 3** - Livro Zoom.

**Fonte:** BANYAI, Istvan. **Zoom**. São Paulo: Brinque-Book, 1995.

#### 4.2.2 Oficina Fotografia

Antes de encerrarmos com os grupos a oficina zoom, no momento em que produzíamos os cubos com o zoom de cada um recebemos a visita de dois americanos. Um professor da Universidade de Austin/Texas chamado Forrest, que veio conhecer as oficinas, participou de uma oficina conosco onde trouxe questões interessantes para o grupo sobre deslocamentos e viagens, o grupo gostou bastante dessa conversa, e sua aluna Alison Fader-Brock que ficou sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Carmem Craidy e nos solicitou participar das oficinas.

Alison trouxe seu projeto de intercâmbio – projeto de fotografias com adolescentes em conflito com a lei. Apresentou-o para nós (equipe de coordenação das oficinas). Juntas pensamos formas de integrar esse trabalho ao das oficinas. Nossa sugestão era apresentar para ambos os grupos das oficinas e deixar que os adolescentes pudessem conhecer a proposta e pensar junto conosco como poderíamos propor um projeto de fotografia.

A proposta dos pesquisadores era propor um projeto de fotografia aos adolescentes e que o projeto tivesse alguma temática escolhida pelos mesmos. A previsão de encontros para o projeto ficou em 6 (seis) encontros. E o fechamento

seria a exposição das fotos dos adolescentes do PPSC, conjuntamente com os adolescentes do Projovem no Módulo Partenon, no Santander Cultural – Painel de Arte Contemporânea.

Etapas construídas:

- a) Primeiro dia: exercício da câmera de papel, proposta do projeto, nome para o projeto, termo de responsabilidade, desenhar uma foto que será feita com a câmera depois.
- b) Segundo dia: os adolescentes trazem as fotos que serão encaminhadas para revelação, contam suas experiências enquanto fotógrafos e, visita a uma exposição de fotografia (4º Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre - FestFotoPOA, Santander Cultural).
- c) Terceiro dia: Edição das fotos – fotos reveladas, escolha das fotos para a exposição e escrita sobre as fotos, escrita de uma curta autobiografia que irá para a exposição.
- d) Quarto dia: Montagem da exposição com os adolescentes, abertura da exposição no Módulo Partenon com as famílias convidadas.
- e) Quinto dia: Exposição no Santander Cultural.
- f) Sexto dia: Filme “Nascidos em Bordéis”. Bate-papo: dialogando com a nossa experiência de fotografia e a que o filme apresenta.

#### 4.3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS – MODO DE REGISTRAR

Na segunda oficina realizada em 2010, conversamos com o grupo sobre a pesquisa no PPSC e em especial para esta dissertação. Conversamos como seria a proposta, o uso das informações, a questão da pesquisa, acompanhamento do grupo e das atividades das oficinas nesse primeiro semestre e para essa pesquisa.

Foram utilizados os seguintes registros do processo de pesquisar-intervir:

- **Banco de Dados do Programa PSC:** O PPSC conta com dois tipos de banco de dados: digitalizado e em arquivo.

O banco de dados em arquivo é constituído por pastas/arquivos que constam todos os documentos dos adolescentes desde sua entrevista inicial até sua entrevista de desligamento, e também, dos adolescentes egressos que retornam para frequentar cursos e/ou oficinas,



Nessas pastas/arquivos constam cópias dos documentos do PEMSE que acompanham a medida judicial, documento de acompanhamento individual do PPSC com todas as anotações de cada adolescente a partir do início de sua medida, cópia do plano de atendimento individual, atestados de frequência escolar e/ou de saúde, acompanhamento de frequência do PPSC, questionário realizado na entrevista inicial, documento de avaliação final do PPSC, entre outros. Trata-se de um registro de todo o acompanhamento desse adolescente e dos encaminhamentos feitos pelo PPSC.

O banco de dados digitalizado é o conjunto de registros dispostos em um sistema digitalizado que é alimentado a partir das informações que os adolescentes e seus responsáveis trazem na entrevista inicial junto ao Programa de PSC da UFRGS. Essas informações são geradas a partir de um questionário que, ao ser respondido, informa os dados pessoais, familiares, sócio-econômicos, escolares, situações de moradia, saúde, trabalho e/ou cursos, situações prévias com o sistema socioeducativo e o ato infracional atual.

- a) **Diário de Campo:** Relatos de conversas, observações, sentimentos e falas importantes durante as oficinas registradas em um caderno pela pesquisadora. *Foi explicado ao grupo o que é um Diário de Campo, como funciona e para que serve o mesmo ao estarmos pesquisando.*
- b) **Portfólio das Oficinas:** organizado após os encontros da oficina com os registros e anotações realizadas pela pesquisadora durante as atividades, material que é disponibilizado e de livre acesso para todos do grupo no exato momento em que está sendo registrado, esse registro circula pela sala se solicitado. Há momentos em que os adolescentes dizem: “**anota aí Paula**” ou “**dá aqui Paula que eu anoto**”.
- c) **Fotografia** – máquinas digitais circulavam pelo grupo em todos os encontros. Equipe e adolescentes foram registrando as atividades desenvolvidas. As fotos foram digitalizadas e/ou impressas e organizadas no portfólio das oficinas, bem como, no arquivo de imagens das oficinas que temos no PPSC.

Podemos perceber, a partir dessa diversidade de registros, que a análise realizada nessa pesquisa foi construída na composição de olhares da pesquisadora,

adolescentes, bolsistas e estagiários que foram acompanhando o processo das oficinas nesse período.

#### 4.4 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS – MODO DE ANÁLISE

Na análise pretendemos realizar uma narrativa que mostre ao leitor como, nos grupos das oficinas, fomos constituindo percursos, e também, como fomos refletindo sobre nosso modo de oficiar e avaliar essa prática enquanto socioeducativa.

Para esta narrativa vamos entrelaçar a descrição desses momentos e algumas imagens produzidas no/pelo grupo das oficinas, constituindo o que denominaremos de **cenias**, ou seja, cenias para dar visibilidade e para aproximar o leitor da experiência das oficinas socioeducativas do PPSC.

Essa tentativa de aproximação do leitor à experiência para compor um olhar sobre esse campo de atuação da pesquisa – as oficinas – convoca ao “mergulho no plano da experiência que agencia sujeito, objeto, teoria e prática num mesmo plano de produção ou coemergência – o que podemos designar como plano da experiência” (Passos e Barros, 2009, p. 17).

As **cenias** aqui descritas e discutidas têm a intenção de aproximar o leitor da reflexão sobre a oficina socioeducativa do PPSC como um espaço de **encontro**. As mesmas foram produzidas no “durante” das oficinas, somente a partir do momento em que se fez o encontro das oficinas pode-se produzir cenias, ou seja, “o ponto de apoio é a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. Eis aí o ‘caminho’ metodológico” (Passos e Barros, 2009, p. 18).

Temos como disparador das **cenias** nossa primeira proposta neste trabalho com as oficinas, em 2010, a partir do livro chamado “Zoom”. Este livro nos faz uma provocação através da pergunta “o que você vê?”, e com suas imagens nos conduz a um deslocamento do olhar, ou seja, quando pensamos que estamos vendo “zoom”... de novo! A imagem se desloca, ou seria o olhar?

## 5 LINHAS DE ANÁLISE

Neste capítulo apresentamos o desenrolar da análise no campo de intervenção do percurso desta pesquisa. Uma narrativa que convoca o leitor a compartilhar a experiência das oficinas socioeducativas do PPSC e o processo desse modo de oficiar para avaliar essa prática enquanto socioeducativa.

As cenas aqui narradas e produzidas no encontro nos aproximam da experiência vivida para questionar como esta oficina pode operar uma “intervenção educativa” orientada por uma pedagogia da invenção. Indagamos se esse espaço acolhe e promove modos de expressão que possibilitem ao adolescente um olhar para o que ele pode ser além da infração e da medida. Se ao voltar-se para si e para a presença do outro, entre exercícios de expressão compartilhados com a escuta do outro pode significar outros sentidos para as relações de sua vida de outro modo, vivenciando também um exercício ético.

A proposta é pensarmos as cenas como aproximações desses adolescentes e desse espaço de intervenção que tem sido as oficinas. A partir da ferramenta “zoom”, apresentada no capítulo da metodologia, estamos propondo os movimentos e olhares desta análise, as cenas constituem essas imagens que deslizam aos nossos olhos, nos questionando o que nos aproxima ou distancia desses adolescentes e desse fazer das oficinas.

Abriremos as cenas com a questão: “quem são os adolescentes com quem oficinam e nos oficinam?”.

### 5.1 CENA I – CENA CONGELADA: NÚMEROS PARA UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

Nossa primeira aproximação com os adolescentes acontece quando eles se apresentam ao Programa para cumprir sua medida socioeducativa com um responsável e trazem consigo um envelope branco endereçado a equipe do Programa.

Nesse envelope constam os documentos de apresentação deles encaminhado pelo PEMSE, por exemplo, temos: identificação, identificação do responsável,

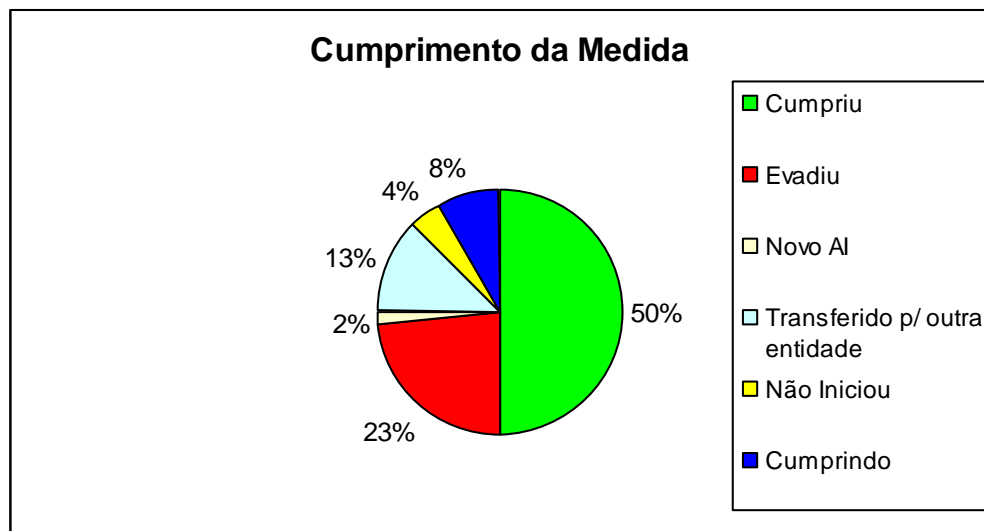
número de semanas a cumprir, o ato infracional, e quando o caso, as demais medidas que acompanham sua PSC, que em alguns casos poderíamos descrever como encaminhamentos como escola, tratamento psicológico, ou para drogadição, entre outros.

Estes documentos e o questionário aplicado na entrevista inicial ao adolescente e seu responsável alimentam o Banco de Dados do Programa, que nos aproxima de dados significativos para pensarmos esses sujeitos que conosco ficam por volta de seis meses em média.

Na cena estática, apresentamos um recorte do período de outubro de 2009 a julho de 2010, com a proposta de fazer uma leitura dos dados quantitativos gerados com a chegada dos adolescentes ao Programa, conforme segue.

Nesse período, tivemos 46 novas entradas de adolescentes junto ao PPSC.

Em relação ao cumprimento da PSC deste período temos: 24 adolescentes que cumpriram sua PSC, 11 evadiram, 1 cometeu outro ato infracional, 6 transferidos para outra unidade de execução da PSC, 2 não iniciaram sua medida de PSC junto à UFRGS e 4 estão cumprindo no momento do levantamento dos dados (outubro de 2010) conforme Gráfico 1.



**Gráfico 1** - Cumprimento da Medida de PSC, de out./2009 a jul./2010.

**Fonte:** Banco de Dados do PPSC/FACED/UFRGS, 2010.

Ao focarmos a freqüência nas oficinas temos 07 adolescentes que não freqüentaram as oficinas. Destes: 2 adolescentes que evadiram<sup>27</sup> antes de iniciarem nas oficinas, 3 foram encaminhados para outra entidade de execução da PSC<sup>28</sup>, 1 cumpriu sua PSC mas não quis aderir às oficinas, e 1 não iniciou sua medida junto ao PPSC. Então, dessas 46 novas entradas tivemos 39 adolescentes freqüentando as oficinas nesse período, somado a este número a circulação dos egressos<sup>29</sup> pelas mesmas.

Sobre as idades tivemos como maior freqüência o intervalo entre 15 e 18 anos, e nesse período, recebemos 16 adolescentes com a idade de 17 anos conforme Tabela 1.

**Tabela 1** - Freqüência das idades dos adolescentes, de out./2009 a jul./2010.

idades	Nº adolescentes
13	1
14	3
15	8
16	10
17	16
18	8

**Fonte:** Banco de Dados do PPSC/FACED/UFRGS, 2010

Sobre a renda familiar dos adolescentes declarada na entrevista inicial temos a seguinte configuração (Tabela 2):

<sup>27</sup> Configura-se EVASÃO quando o adolescente tem três faltas consecutivas durante sua medida de PSC. Na segunda falta entramos em contato com os responsáveis para verificar qual seria a situação, pois em caso de falta justificada (atestado médico e/ou explicação da situação pelos responsáveis) opta-se por recuperação dessas faltas conforme combinação com a equipe do PSC e do próprio PEMSE. Nos casos em que não há justificativa da situação configura-se EVASÃO e os documentos dos adolescentes são encaminhados ao PEMSE que encaminhará as medidas necessárias a cada situação.

<sup>28</sup> Essas situações acontecem por diferentes motivos, um deles é solicitação do adolescente e/ou responsável para Unidades mais próximas de suas residências.

<sup>29</sup> Nesse período, tivemos 06 adolescentes que já haviam terminado sua PSC junto ao Programa e que estariam freqüentando as oficinas.

**Tabela 2 - Renda Familiar dos adolescentes, de out./2009 a jul./2010.**

Renda Familiar	Salário Mínimo
- de 1/2 SM	3
1/2 a 1 SM	11
1 a 2 SM	12
2 a 3 SM	6
3 a 5 SM	9
5 a 10 SM	2
não informado	3

**Fonte:** Banco de Dados do PPSC/FACED/UFRGS, 2010.

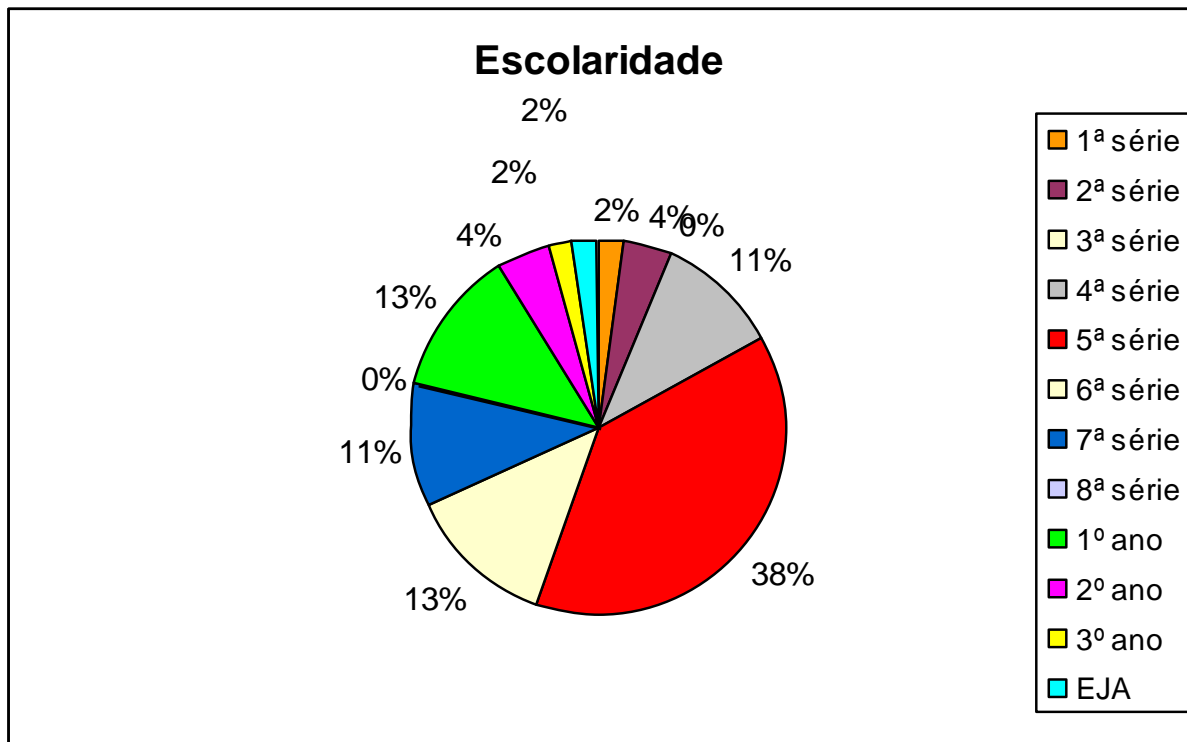
Observamos nessa tabela que 29 adolescentes e suas famílias apresentam uma renda familiar de  $\frac{1}{2}$  salário mínimo a 3 salários mínimos. Estamos diante de uma frágil e real configuração sócio-econômica dos adolescentes e suas famílias, pois nesse período mais de 60% dos adolescentes acompanhados pelo PPSC vivem situações de séria vulnerabilidade financeira. Não temos como olhar para esse adolescente sem questionar essas relações sócioeconômicas. Essa discussão precisa estar presente em nosso cotidiano de trabalho e servem como dados importantes para interação com eles nas oficinas sobre o que seriam situações de liberdade e autonomia. O tópico também viabiliza a discussão sobre o que seria uma condição socioeconômica para viver a vida, e não apenas para sobreviver.

Há um documento apresentado pela Secretaria Municipal de Educação de Salvador (2002) traz essa leitura em nível nacional. Esse documento denominado como “Adolescência: escolaridade, profissionalização e renda - propostas de políticas públicas para adolescentes de baixa escolaridade e baixa renda”- afirma que no Brasil são 5,5 milhões de famílias com crianças e adolescentes de até 14 anos de idade cuja renda é inferior ou equivalente a  $\frac{1}{2}$  salário mínimo per capita. São 79.392 os jovens de 12 a 17 anos responsáveis por seus domicílios.

No contexto brasileiro e nos dados aqui apresentados de nosso banco de dados sobre a renda familiar dos adolescentes que acompanhamos fica evidente que

grande parte das famílias sobrevive com baixos níveis de renda familiar e esse contexto sobressai em suas falas como: “quando eu faço um ‘bico’<sup>30</sup> eu alcanço em casa para coroa comprar umas coisas”, ou “quando eu cheguei em casa já no portão senti o cheiro de bolo frito, aí logo vi que era meu dinheiro que tinha ido”, ou “eu recebo um salário mínimo no meu trabalho lá no Carrefour e dou duzentinhos para minha coroa para ajudar no *rango*<sup>31</sup> do mês”.

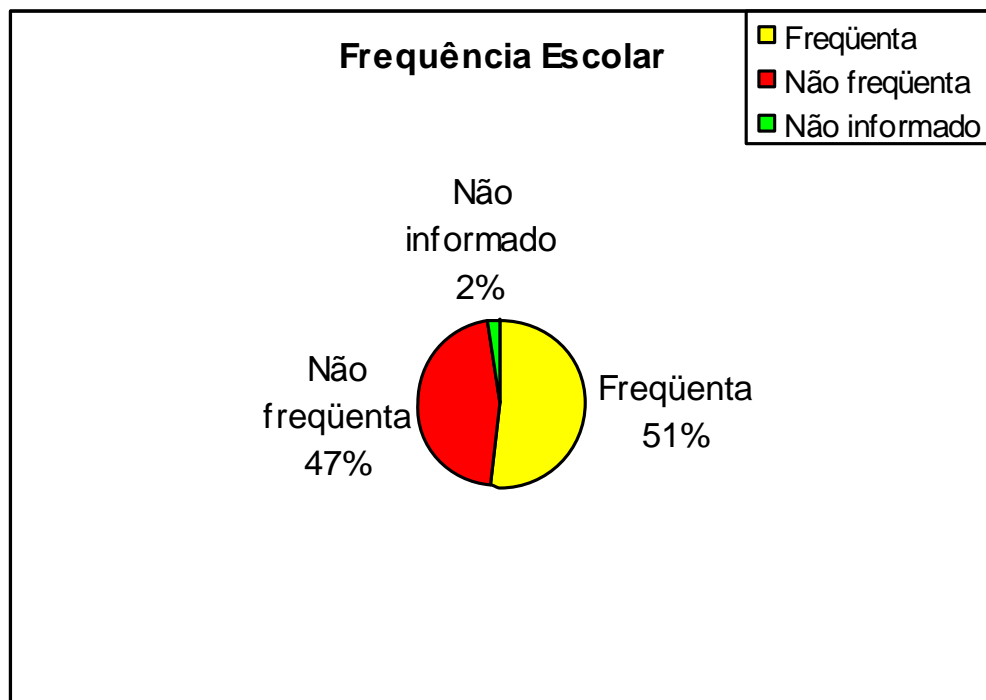
Outro aspecto importante neste estudo é referente a escolarização dos adolescentes e a freqüência escolar nesse período, conforme demonstram os gráficos a seguir (Gráfico 2 e Gráfico 3) :



**Gráfico 2-** Escolaridade, de out./2009 a jul./2010.  
**Fonte:** Banco de Dados do PPSC/FACED/UFRGS, 2010.

<sup>30</sup> Gíria que significa “trabalho temporário”.

<sup>31</sup> Gíria utilizada pelos adolescentes que significa ‘comida’.



**Gráfico 3** - Frequência Escolar, de out./2009 a jul./2010.

**Fonte:** Banco de Dados do PPSC/FACED/UFRGS, 2010.

Nos Gráficos Gráfico 2 e Gráfico 3 apresentamos aspectos importantes para pensar, ou seja, de 46 adolescentes temos 24 que freqüentam a escola. E destes adolescentes, que freqüentam a escola, 18 estão na 5ª série representando 38% dos ingressos junto ao PPSC nesse período.

Nas demais situações: 6 adolescentes na 6ª série, 5 adolescentes na 7ª série e nenhum na 8ª série. No ensino médio temos: 6 adolescentes no primeiro ano, 2 adolescentes no segundo ano e 1 no terceiro ano do ensino médio. Na EJA temos 1 adolescente.

Um percentual considerável de adolescentes atendidos no PPSC (62%) nesse período da pesquisa está entre 4ª e 6ª séries, o que também podemos entender como um reflexo de uma dinâmica maior que encontramos no cenário de nossa Educação Básica, pois conforme Sátyro e Soares (2008) em um documento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP do Ministério da Educação – MEC, que discute sobre a distorção idade-série das escolas brasileiras de ensino fundamental, está presente em nosso trabalho com os adolescentes, pois afirmam que no ensino fundamental 39% dos alunos têm idade superior à adequada para a série em que cursam. Conseqüência das elevadas taxas de repetência, a distorção idade-série é apontada por pesquisas nacionais e



internacionais como um dos principais problemas da educação brasileira. E afirmam, também, que na 5ª série do ensino fundamental e na 1ª série do ensino médio, localizam-se os maiores índices de atraso escolar. Nestas séries, as taxas de distorção idade-série são de 50% e 56%, respectivamente. Como nas séries iniciais a reprovação e o abandono são elevados, um significativo contingente dos estudantes que alcançam as séries conclusivas chega com idade acima da ideal. Isso reflete em nossa pesquisa, pois 38% dos adolescentes que ingressaram no período dessa pesquisa no PPSC estão na 5ª série e mais de 65% em defasagem série-idade.

A partir das práticas e dos dados acima, não é possível afirmar simplesmente uma relação de causa e efeito entre evasão escolar e ato infracional. Não há dúvidas sobre a existência de uma forte correlação entre estes fenômenos.

A questão da escolaridade é um dos principais aspectos que o PPSC toma como estudo em suas pesquisas e discussões enquanto equipe. É recorrente em nosso dia a dia receber adolescentes com uma disparidade entre idade-série, e através das entrevistas iniciais temos constatado que nessas mesmas séries concentram-se o maior número de repetições de série e abandono da escola.

Conforme Fernando Santana (2009), bolsista de pesquisa do Programa que realizou um estudo denominado “Caracterização dos adolescentes que evadiram do PPSC da UFRGS em 2007-2008”,<sup>32</sup> os indicadores do Banco de Dados sobre o contexto e as características dos adolescentes que evadem da medida de PSC, ou seja, ato infracional, escolaridade, etnia, renda familiar, idade entre outros apontam que os mesmos também entram nesse processo de evasão com outras instituições como escola, igreja, associação comunitária, clubes, etc. O autor, a partir dos dados de sua pesquisa, salienta que negros, com 17 anos, e mais de 4 (quatro) reprovações escolares apresentam uma fragilidade de aderir à medida, e esta situação também se configura em outras situações de suas vidas como dificuldade de estar fazendo parte de outras instituições.

Sobre o ato infracional temos a seguinte leitura, apresentada na Tabela 3 e no Gráfico 4:

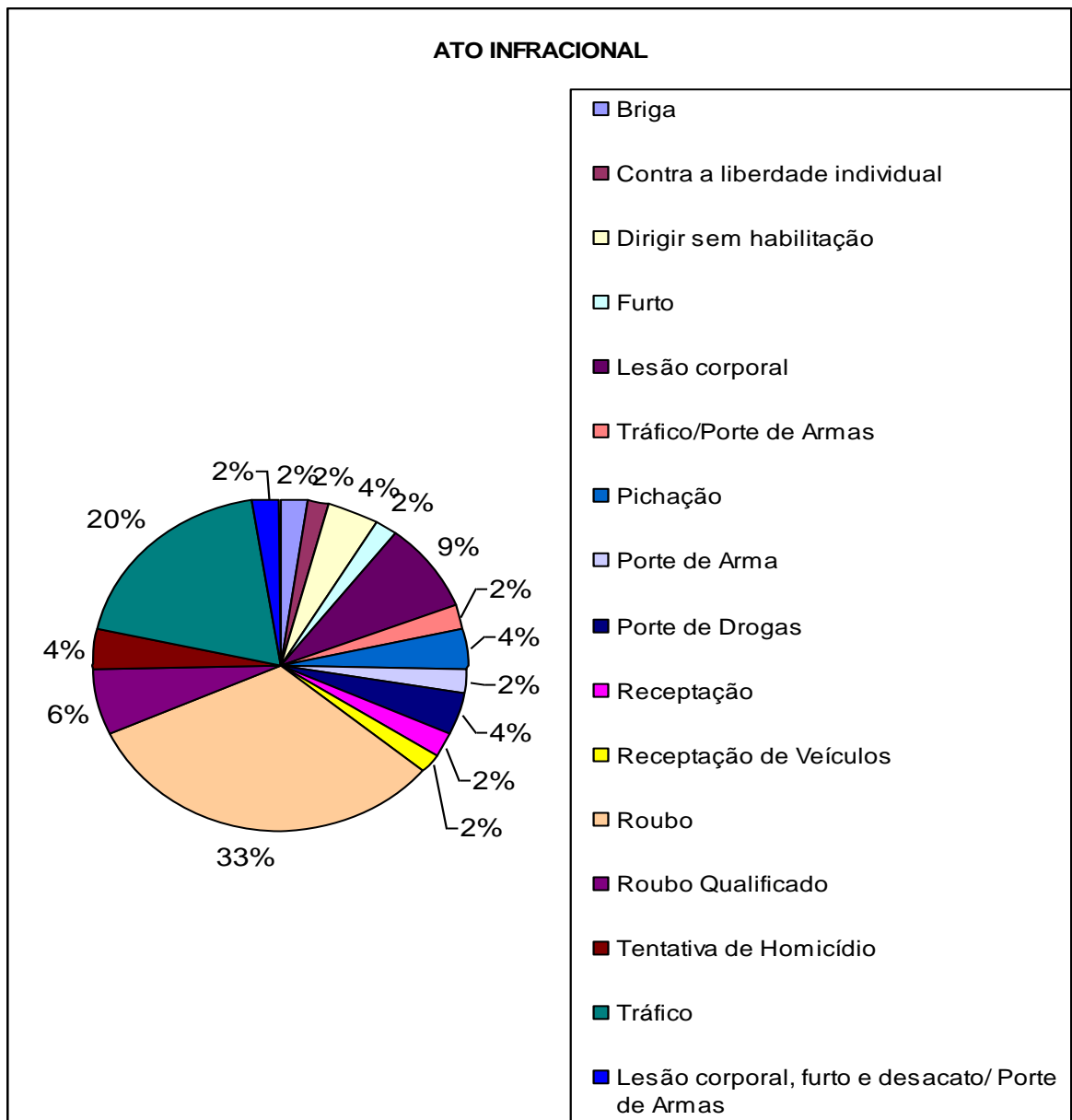
---

<sup>32</sup> Pesquisa apresentada no XXI Salão de Iniciação Científica da UFRGS que ocorreu no período de 19 a 23 de outubro de 2009.

**Tabela 3** - Ato Infracional, de out./2009 a jul./2010.

ATO INFRACIONAL	QUANTIDADE
Briga	1
Contra a liberdade individual	1
Dirigir sem habilitação	2
Furto	1
Lesão corporal	4
Lesão corporal, furto e desacato/Porte de Armas	1
Pichação	2
Porte de Arma	1
Porte de Drogas	2
Receptação	1
Receptação de Veículos	1
Roubo	15
Roubo Qualificado	3
Tentativa de Homicídio	2
Tráfico	9
Tráfico/Porte de Armas	1

**Fonte:** Banco de Dados do PPSC/FACED/UFRGS, 2010.



**Gráfico 4** - Ato Infracional, de out./2009 a jul./2010.

**Fonte:** Banco de Dados do PPSC/FACED/UFRGS, 2010.

A tabela número 3 e o gráfico número 4 apresentam os atos infracionais cometidos pelos adolescentes dessa pesquisa, nessa configuração temos dois dados que se destacam: o ato infracional “roubo” com uma incidência de 33% sobre o total, e o “tráfico”<sup>33</sup> com 20% do total. Roubo e tráfico somados são 53% do total das infrações realizadas. As infrações cometidas pelos adolescentes trazem muitos

<sup>33</sup> Destacamos que os adolescentes que atendemos que vem cumprir a medida de PSC com o ato infracional “tráfico” não são o grande traficante, conforme temos observado no cotidiano do PPSC, mas sim, adolescentes que estariam nesse comércio, nessa organização do tráfico, mas sempre “às beiras”, nas esquinas como “aviãozinho” ou na entrega das “encomendas”.

questionamentos à equipe do PPSC, pois falam de um momento que os adolescentes estão vivendo: circunscrito nas questões geográficas, sociais e econômicas dos mesmos. Duas questões são pertinentes nesse aspecto: “para que se rouba?” e “para que se trafica?”. Nas falas dos adolescentes aparece o roubo, muitas vezes, para o acesso ao consumo “para ter o tênis de marca ou para ter grana no baile *funk* para curtir a festa” e o tráfico conforme uma das falas “para poder comprar as minhas roupas, o pai e mãe não conseguem dar aí eu tenho que me virar”.<sup>34</sup>

Mas se permanecermos nos números não teremos a dimensão da vida acontecendo. As tabelas, os gráficos e as porcentagens apontadas nessa pesquisa como elementos de uma cena inicial. Aqui como denominamos de “a cena congelada” essa imagem que descreve dados significativos, pois apontam para a situação socioeconômica dos adolescentes que acolhemos no cotidiano de nosso trabalho junto ao Programa.

Ao levarmos em conta essa situação ilustrada nos números, nos aproximamos das diferentes situações de dificuldades e necessidades dos adolescentes e suas famílias. Um adolescente que está fora do circuito escolar, reprovou 3 vezes na 5ª série, nunca fez um curso, afirma que a escola não serve para nada, “caiu”<sup>35</sup> por tráfico, sua família vive com um salário mínimo, a comunidade está passando por dificuldades pelo controle do tráfico na região, são configurações que temos ao abrirmos nosso banco de dados, são números que nos dizem algo, que nos convocam a pensar sobre.

Esse adolescente que chega ao programa pela segunda vez, agora sozinho, sem responsável. Vem para participar de sua primeira oficina. Traz consigo sua história, seus trajetos, suas vontades, seus medos, suas limitações, seu ato infracional, sua história de vida. Seus pedidos por reconhecimento e por acesso ao mundo.

---

<sup>34</sup> Falas de adolescentes durante as oficinas retiradas do diário de campo (2010).

<sup>35</sup> Termo utilizado para fazer menção ao ato infracional que levou o adolescente a ser pego/flagrante ou não da situação que o trouxe a cumprir uma medida judicial. “Pelo quê tu caiu?” – pergunta que eles se fazem uns aos outros para saberem qual foi o ato infracional que gerou a medida.

Então, passamos as cenas que abrem sentidos de como são esses adolescentes, aproximando desses números, ajustando as lentes para produzir outro “zoom”.

## 5.2 CENA II – ZOOM: VIDAS EM CONVERSA

A proposta que iniciou as oficinas constituiu um espaço para discutir sobre os diferentes deslocamentos que fazemos na vida – deslocamentos provocados por aproximações e afastamentos de um determinado foco que poderíamos pensar ser a produção da vida e as diferentes relações que vamos estabelecendo no nosso percurso.

Essa discussão inicial com os adolescentes trazendo questões sobre: Onde estamos? O que é a UFRGS? O que é o PPSC? O que são as oficinas? Como nos deslocamos diariamente para diferentes lugares?

O uso do livro “Zoom” de Istvan Banyai (1995) operou como dispositivo para pensar-experimentar esse deslocamento – esse afastar e aproximar que a partir das imagens do livro lança-nos ao movimento. Nossa proposta era a partir da vivência do livro chegar à questão sobre: Percepção de si, do outro, do lugar e das relações que vamos estabelecendo.

Aqui situamos esse trabalho de acolhimento dos adolescentes que nas oficinas de 2010, mais precisamente na segunda quinzena de março, foram encaminhados ao PPSC para cumprir sua medida socioeducativa.

Por que a literatura para esse momento?

Por acreditarmos que a literatura pode possibilitar o desenvolvimento de uma experiência de problematização, ou seja, abre a possibilidade desses sujeitos reinventarem a si, o próprio espaço que habitam, transitam. Esse reinventar de si e de mundo como efeito de estranhamento e das possíveis surpresas que a literatura possibilita.

A literatura como uma possibilidade de invenção de si, a arte, a literatura. Para Kastrup<sup>36</sup> (2004, p. 147) o uso da arte justifica-se pela possibilidade que ela possui de acionar experiências afetivas e emocionais inéditas e pré-subjetivas, que não

---

<sup>36</sup> KASTRUP, Virgínia. Competência ética e estratégias de resistência. In: Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo. Guareschi, Neuza Maria de Fátima. (org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

estão sob o controle de um eu central, mas são movimentos de saída de si. Tais experiências trazem à cena subjetiva uma dimensão de alteridade e indicam um plano e um caminho para a transversalização entre diferentes subjetividades.

No primeiro encontro das oficinas de 2010, o grupo era grande e nele apenas um adolescente já tinha participado das oficinas, pois este retornava para a oficina como egresso do programa, retorna por sua vontade de estar nesse espaço que ele vivenciou em 2009. Os demais, sete adolescentes, estavam ali conosco pela primeira vez.

Sentimos que ao iniciar a apresentação do *Zoom*, um silêncio se fez, e poderíamos arriscar usar a metáfora do “deserto” para descrever a cena, pois a cada página do livro que aparecia produziu um silêncio, os olhos faziam força para captar as imagens, e os barulhos que eles trouxeram até este momento como dúvidas sobre a medida, sobre o lugar, sobre o que seria chegar ali na oficina, sobre a relação com os outros, como seriam vistos e percebidos, todos esses ruídos e tantos outros que vieram com todos do grupo estavam naquele instante em um outro plano. O que os olhos buscavam era decifrar as imagens e correr para entender o deslocamento das mesmas. Saíam sorrisos e suspiros como “Bah!” ou a fala de um deles “e tudo começou com uma crista de galo!”.

Foi um momento de silêncio, mas dentro de um plano de comunicação que é sem palavras, retomando aqui a metáfora do “deserto”, um deserto que se produziu nesse primeiro encontro das oficinas, das paisagens/imagens do livro *Zoom* que nos fez ficar frente à imensidão, “dessa topologia que nos instiga e nos aproxima do amplo, da paisagem muda, da paisagem silenciosa, da paisagem que evidencia um espaço e um tempo abertos entre o que existe em potencial vagando e pulsando naquele lugar”<sup>37</sup>: **a oficina**.

A partir da apresentação do livro *Zoom* sentimos que os olhares se encontraram, de um “deserto” a um “povoamento”. Deslocamos por instantes, a todos nós, trata-se de um encontro. Encontramos-nos para uma conversa. O conversar. O conversar entre estranhos. O encontro que produz conversa. É nesse encontro e nessa conversa as coisas se dão num plano do imprevisível. O material dessa conversa nada tem a ver com algo pronto ou pré-estabelecido, não queremos

<sup>37</sup> DERDYK, Edith. **Linha de Horizonte: por uma poética do ato criador**. São Paulo: Escuta, 2001.

ensinar, não queremos informar, queremos parar para escutar e para problematizar o que os adolescentes acharem interessante compartilhar. Queremos uma aproximação.

O que eles trazem nessa primeira conversa, cenas de seu trajeto até a UFRGS nesse dia como: “fui para a escola de manhã, voltei para casa, almocei, assisti Balanço Geral e vim para cá...” ou “acordei tarde, almocei e vi um pouco de televisão, depois vim para cá.” ou “acordei tarde pois ontem fui na festa de despedida do meu amigo, acordei, tomei banho, café e depois peguei o ônibus e desci aqui do lado”.

Em outro momento dois adolescentes contam de um episódio engraçado junto ao DECA que um deles teria passado que foi o seguinte:

[. . .] ele contou que a delegada havia perguntado o apelido dele e ele respondeu baixinho e com a cabeça baixa e, que a delegada gritou com ele, para falar mais alto, então ele gritou “TICO E TECO!”, que é seu apelido. E que todos que estavam no DECA riram muito”.  
[. . .]

As conversas iniciaram entre eles no grupo, deixamos esse espaço acontecer por um tempo e depois retomamos a conversa coletiva.

Nossa cena é feita de outras cenas trazidas pelo grupo: futebol, festa, zoom. Um dos adolescentes quis experimentar narrar o seu zoom da festa que foi no dia anterior, ele e seu colega tentaram descrever:

[. . .] ele falou, “mas não começou em casa”, que foi direto do colégio. Contou que todos se encontraram primeiro na vila deles, depois foram para a Conceição, que a festa ia ser numa casa lá, não explicou direito quê casa. A cada passo que davam, na sua narrativa, mostravam que a imagem ia aumentando. O Tadeu falou que tiveram que sair da Conceição, porque “tava cheio de homem” lá e um deles se estranhou com o Flávio. O Flávio confirmou, disse que um dos policiais apontou para ele sem ele nunca tê-lo visto. Disseram que acharam melhor sair de lá, por isso. Então foram para uma outra casa, num terceiro lugar, cujo nome eu não recordo, mas disseram que era uma “vilinha” que tem perto da Conceição, onde fizeram um churrasco. Afirmaram que o zoom já estava diferente ali. O Flávio contou que assaram carne também. Perguntei quem assou, disse que “um guri lá”<sup>38</sup> [. . .]

<sup>38</sup> Diário de Campo – oficinas 2010 primeiro semestre - nomes fictícios

Roberto, adolescente que ficou a oficina toda em silêncio, observando todos, trouxe ao final da oficina o seguinte comentário:

[. . .] o meu trajeto que seria bem bonito, porque eu moro lá na Glória! Lá no alto! E de lá acho que dá para fazer um zoom de toda a Porto Alegre. É muito bonito lá! Eu poderia fazer um zoom lá de cima e depois vir descendo o morro, e depois chegando aqui na UFRGS. Já pensou?<sup>39</sup> [. . .]

A conversa sobre o Zoom continua e novamente o grupo estava todo conversando entre si. Convidamos eles para fazerem um Zoom – imagem única que seria chegar até a janela e olhar para Porto Alegre dali. Todos ficaram muito absorvidos pela imagem que se apresentava do lado de fora daquela janela até então encoberta por uma cortina – ver foto. Nesse momento nos damos conta que estão abertas as oficinas de 2010 – sob o dispositivo Zoom.



**Figura 4 – Oficina Zoom.**  
**Fonte:** Arquivos da Autora.

Enfim, um primeiro encontro, uma primeira conversa, uma aproximação. Um Zoom.

---

<sup>39</sup> Diário de Campo – oficinas 2010 primeiro semestre - nome fictício.



### 5.3 CENA III – FOTOZOOM: MOVIMENTOS EM FOCO

O projeto de fotografia, inicialmente, tinha como proposta que os adolescentes experimentassem o fotografar.

Optamos por iniciar as atividades de introdução à fotografia e deixar para pensar um projeto e dar nome ao mesmo depois, por observar que o grupo não estava querendo nesse momento prever essa situação.

Então mudamos um pouco a ordem das coisas e deixamos que o grupo conduzisse a forma e o tempo para pensar esse projeto de fotografia.

Nesse primeiro encontro abrimos para a conversa. Diz Teixeira (*apud* SILVA 2010, p. 104) que o espaço da conversa é uma tecnologia de si que opera nos processos de formação e de práticas. Esse espaço se conforma no encontro dos sujeitos através das artes do falar e do escutar, e é nesse espaço, também, que essas artes se fazem em ato e indicam a maneira como os sujeitos se movimentam e se constituem no mundo, através de suas escolhas, suas posições e suas éticas.

Iniciamos uma provocação ao apresentar câmeras de papel aos grupos da oficina. E com as câmeras de papel brincamos com o fotografar, e o grupo foi produzindo imagens pela sala, e quando vimos, estávamos todos brincando novamente com a idéia de zoom. O afastar e aproximar de um foco. Por exemplo: um dos adolescentes fez uma máquina bem pequena e trouxe em sua fala “nessa daqui o zoom é miúdo” e todos riram. E as fotos imaginárias continuavam a surgir na oficina desse dia. Fomos introduzindo o conceito de enquadre de uma foto e fomos experimentando o conceito na confecção dessas máquinas de papel e na disposição delas para captar as imagens (Figura 5).



**Figura 5 - Iniciação a fotografia.**  
**Fonte:** Arquivos da Autora.

Nesse momento de nossa análise o foco está na forma que o grupo foi experimentando o fotografar e nos deslocamentos que foram produzidos durante esse fazer. Destacamos aqui o que Kastrup e Barros (2009, p. 80) afirmam sobre “as oficinas como movimento-função de explicitação de linha que disparam processos de produção de subjetividade”.

O que caracteriza a oficina é ser um espaço de aprendizagem para todos, nesse caso não estamos pensando e estudando a técnica do fotografar, mas sim, nos permitindo uma aprendizagem inventiva, e é nesse sentido que a autora aponta

esse espaço da oficina dando “lugar a processos de invenção de si e do mundo” e que estaria a produzir um espaço coletivo, um território para fazer junto.

Nessa oficina também conversamos sobre a possibilidade do grupo expor suas fotos em um lugar de exposição fotográfica, conjuntamente com os adolescentes que a Alison<sup>40</sup> está acompanhando no Programa do Projovem no Módulo Partenon.

O grupo recebeu as máquinas doadas para o projeto de fotografia e fizemos as combinações sobre o uso das mesmas.

- a) máquinas descartáveis, que não podem ser abertas durante o processo, pois isso danificaria as fotos;
- b) alguns cuidados com a máquina, o número de fotos por máquina (27 fotos), a forma de enquadre que se pode dar com essas máquinas, o flash manual, etc.;
- c) no momento em que estiver tirando as fotos cuidar a sua segurança, não tirar fotos em situações que possam trazer riscos ou comprometer a sua segurança;
- d) evitar tirar fotos de crianças e pessoas na rua;
- e) assinatura do termo de responsabilidade com as indicações e com a permissão da exposição das fotos que não identifiquem as pessoas;
- f) discussão sobre as dúvidas que fossem aparecendo no grupo.

Entregamos as máquinas, e fizemos exercícios com as mesmas, pois estas são manuais, o que causou um pouco de estranhamento nos adolescentes, pois estão acostumados com as máquinas digitais.

Uma das adolescentes comentou: “meu pai tem guardada uma dessas lá em casa, mas a gente tem uma digital também que a gente usa agora.”, se referindo ao desuso da máquina analógica na sua casa.

Um dos adolescentes, ao testar a sua máquina, fez uma fotografia do grupo recebendo as máquinas (Figura 6) e, dentre suas fotos escolhidas para a exposição, solicitou que esta fosse uma delas com a seguinte explicação: “Não sei por que

---

<sup>40</sup> Estudante da Universidade de Austin/Texas que está acompanhando as oficinas.

gostei desta foto. É só. Esta foto é de todo mundo sentado na cadeira no dia da oficina, conversando, todo mundo encantado com as máquinas. Só.” (W.C.F, 2010)



**Figura 6 -** Recebimento das Máquinas.  
**Fonte:** W. C. F., 2010

A Figura 7 apresenta outras fotos do momento em que receberam as máquinas:



**Figura 7 -** Recebimento das Máquinas.  
**Fonte:** Arquivos da Autora.

Nesse processo de uma aproximação do grupo com esse projeto de fotografia, de ter colocado o projeto a disposição para que o grupo desse “sua forma” ao trabalho, e de abrir um espaço para as imagens que os adolescentes foram produzindo e conduzindo com suas máquinas manuais, foram abrindo fluxos e linhas que nos indicaram os efeitos da experiência. De acordo com Aguiar e Rocha (2007), essas linhas de análise são como catalisadores de sentido, expõem o saber e o não-saber de uma sociedade sobre si mesma, e poderíamos dizer que desnaturalizam o existente, suas condições e, ao realizar análise, desacomodando as evidências naturalizadas de um cotidiano.

Com a revelação das fotografias outro cenário se abriu diante de nossos olhos: aqueles autores das imagens produzindo narrativas e uma ordenação para suas apresentações ao grupo (Figura 8).





**Figura 8** – Escolha das Fotos e Produção de Narrativas.  
**Fonte:** Arquivos da Autora.

Em ambas as oficinas cada adolescente apresentou ao grupo suas imagens, em seguida escolheram as que gostariam de colocar na exposição fotográfica e fomos (equipe) conversando com cada um para produzir um nome fictício, a biografia e justificativas das escolhas das fotos para compor no painel da exposição.

Algumas das biografias:

[. . .]Tenho 17 anos. Moro numa casa no Partenon. Moro com minha mãe e minha namorada. Minha mãe é muito legal. É muito cuidadora e é a pessoa mais importante na minha vida. Minha namorada é muito chata. Tenho um ano e meio com ela. Conheci ela numa ilha em Guaíba. Gosto de trabalhar em carro. Gosto de sair. Olhar TV. E gosto de dirigir os carros e motos. [. . .]Eduarti, 17 anos.

[. . .] Vou fazer 18 anos em agosto. Moro na Lomba do Pinheiro com minha mãe, mais sete irmãos e meu pai. Eu sou o mais velho. Muita gente. Minha família é o mais importante. Tem muitas coisas que gosto de fazer como jogar bola. Trabalho [. . .] WCF, 17 anos.

[. . .] Tenho 15 anos. Moro na Lomba do Pinheiro com meu pai e com minha mãe e meus dois irmãos. Meus pais trabalham. Um irmão é de maior e o outro de menor. Meus pais são as pessoas mais importantes na minha vida. Eu gosto de arrumar moto. Vermelho é minha cor favorita porque é bonito. Me acho legal. [. . .] Negão, 15 anos.

[. . .] Eu moro no Partenon com minha mãe, meu pai e meus irmãos. É melhor do que morar sozinho. Quando estou em casa gosto de olhar TV e escutar o rádio. Gosto de ficar na rua conversando. Minha cor favorita é azul porque sou Gremista. Para o projeto, tirei o Zoom da moto. Fiz da moto porque é legal. É de meu pai. Comecei a tirar fotos de pertinho. Depois de longe. Gostei de tirar fotos. Foi bom. [. . .] Paulo, 15 anos.

[. . .] Tenho 17 anos. Moro no Partenon, com minha mãe e meus irmãos e a amizade e a companhia é o que eu mais gosto entre outras coisas, de conversar, brincar, sair e trocar idéias. Gosto de mexer no computador, jogar vídeo game e descansar quando estou sozinho. Pretendo ter uma boa casa, um carro, uma família e vida financeira boa, além de realizar todos os meus sonhos. Com os amigos eu prefiro sair em festas, jogar bola e conversar. Dia de semana trabalho e estudo e nos finais de semana aproveito para namorar, sair ou até mesmo descansar. Curto funk, pagode e rap, filmes de comédia, ação e suspense, comer comidas diferenciadas. Maior qualidade é o otimismo e o defeito ser intolerante [. . .] Rafael do Gueto, 17 anos.

[. . .] Nasci em Porto Alegre, em maio de 1992, na vila João Pessoa, mais conhecida como “Complexo da Tuca”. Vim de uma família humilde, mas nobre de coração. Desde “menor” que eu nasci, eu presenciei a “vida louca”. Como todo “favelado”, levei a vida sofrida, mas nunca baixei a cabeça para os problemas da vida. Sempre entre “trancos e barrancos”. Fui um guerrilheiro da vida. Graças à Deus tenho uma vida maravilhosa, amigos e família sempre juntos fortalecendo o meu dia a dia. [. . .] Jack Polanka (Vulgo J. P), 17 anos.

[. . .]Nasci em Porto Alegre, em 1993. Tenho 17 anos. Moro no Partenon, no Morro da Cruz. Gosto de cantar, nos bailes funk, eventos e tudo mais. É o que mais gosto de fazer. Curto muito com meus amigos. Gosto de sair. Curti a vida. Não gosto de beber e nem de fumar. Me sinto mal. Já bebi mais não gostei. Nunca fumei. Também gosto de estar com minha família, sair com meus irmãos, levar eles para praça. Jogar bola [. . .] F, 17 anos.

[. . .]Moro com minha mãe e minhas irmãs. Eu gosto quando minha mãe cozinha, por exemplo, empada, um salgado folhado. Eu gosto de fazer muitas coisas. Acho que tudo é bom. Quando tenho tempo livre, penso bastante na minha vida e meus problemas. Eu não gosto de falar – fica para mim. Quero ser psicóloga ou promotora ou pedagoga ou designer. Bah! Várias Coisas! Eu sou legal. Gosto de escutar as pessoas falar bastante. Escuto, escuto, escuto. Não dou conselho. Faço o que eu faria para mim porque não é certo dar conselho. Eu sei cozinhar bem. Cozinho de tudo. A pessoa mais importante na minha vida é minha mãe porque é minha mãe [. . .] Indiferença, 16 anos.

[. . .] Eu estudo e moro com meus pais e com minha irmã. Adoro estar na companhia de meus amigos. Pratico muito a arte de desenhar e quando não tenho nada a fazer gosto de ficar na Internet. Estudar para mim é tudo porque é só isso que é meu de verdade. Sou uma pessoa ansiosa, verdadeira, curiosa. Não gosto de racismo e tenho pavor de insetos. A arquitetura me encanta, eu quero ser uma grande arquiteta. Já errei muitas vezes e a cada erro eu aprendo um pouco mais. Já colecionei muitas pedras brilhantes e fotos, mas perdi tudo em uma mudança. Afinal, sou tímida, mas quando me solto sou muito brincalhona[. . .] Copo de Leite, 16 anos.

[. . .] Tenho 15 anos. Moro no Partenon junto com minha mãe e minhas irmãs. Eu gosto de andar de moto e jogar bola. Eu também gosto de música e toco alguns instrumentos como reco-reco, pandeiro, rebalo, etc. Nós tocamos muito no Cord e no Sob Nova Direção. Costumamos tocar pagode. Eu gosto de rimar um pouco de funk[. . .] Pato, 15 anos.

[. . .] Sou o TGN. Gosto de jogar bola. Gosto de festas. Gosto de conversar com meus amigos e minha família. Eu gosto só de gostar, não de “não gostar”. Curti muito tirar foto. Não queria largar a máquina aquele dia que fomos na exposição do Santander[. . .] TGN, 17 anos.



#### 5.4 CENA IV – PERCURSOS E TRAJETOS

Uma característica muito peculiar das oficinas do PPSC é a circulação dos adolescentes, pois como estes estão cumprindo sua medida judicial de PSC e a medida tem como duração máxima 24 semanas, e, também, pode ter menor duração<sup>41</sup>, a todo o momento, temos adolescentes terminando de cumprir e adolescentes iniciando a medida.

Discutimos o que seria uma linha de ação junto às oficinas que pudesse fazer essa integração dos adolescentes novos ao grupo das oficinas, entregando ao próprio grupo essa possibilidade de encontro e acolhimento dos novos. A partir dessa questão construímos um dispositivo para abriremos a conversa ao iniciar a oficina que incluísse quem estivesse chegando sem ao mesmo tempo exigir uma apresentação mais formal. Tratava-se de um convite aos adolescentes das oficinas a descreverem o seu percurso/trajeto CASA/UFRGS.

Percebemos que nas primeiras oficinas as descrições eram mais tímidas, e depois todos do grupo foram se preocupando mais em descrever seus percursos/trajetos e algumas narrativas demonstraram o quanto seus olhares estavam mais atentos aos acontecimentos desse percurso – houve uma apropriação desse momento da oficina pelos adolescentes, por exemplo, em uma das oficinas um adolescente chegou meia hora atrasado e já havíamos terminado os trajetos do dia e ele entra na sala e diz “Nossa! Hoje o meu trajeto dava o que falar!”<sup>42</sup>.

Nessas descrições do trajeto CASA/UFRGS os adolescentes trazem seus percursos cotidianos, diários, quase invisíveis no seu dia a dia, e o que percebemos que em suas falas eles fazem emergir de um fundo, figuras importantes, imagens de uma vida que nos falam deles, que nos aproximam mais de suas vivências e experiências durante esse período que estamos juntos nas oficinas.

Passamos a percorrer os sentidos desses trajetos trazendo os registros de suas falas do diário de campo 2010 – primeiro semestre:

---

<sup>41</sup> Temos adolescentes com 24 semanas, 12 semanas, 8 semanas de PSC e nesse ano recebemos 3 adolescentes com 4 semanas, o que não tinha acontecido até então.

<sup>42</sup> Diário de campo, 2010 – primeiro semestre.

[. . .] Minha mãe me acordou, mas eu estava com preguiça. Depois assisti o desenho dos *Flinstones*, tomei café, um banho, me arrumei, e peguei o ônibus Caldre Fião e vim pra cá [. . .] M, 16 anos.

[. . .] Hoje foi difícil minha vinda pra cá, os caras<sup>43</sup> me pegaram aqui na frente e me revistaram, eu disse que tava vindo pra comunitária, mas eles nem ligaram e continuaram, fiquei atrasado por isso, eu e mais uns cara que tavam no ônibus[. . .] M, 16 anos.

[. . .] Meu nome é F. Hoje eu dormi até o meio dia, tomei banho e vim pra cá. Não almocei, só tomei um café preto. E vim de São José. [. . .] F<sup>44</sup>, 17 anos.

[. . .] Acordei cedo e fui pra aula, voltei pra casa, almocei correndo e peguei o ônibus para vir pra cá [. . .] A, 16 anos.

[. . .] Acordei umas 11 horas e brinquei com minha irmã de 12 anos. Depois fui na casa do meu tio e brinquei com meu primo. Encontrei o F. e passamos na casa do A. que já tinha saído. Então viemos pra cá. No ônibus, a gente veio curtindo um som e tinha uma senhora que ficou com medo da gente e trocou de lugar... [. . .] T., 17 anos.

[. . .] Passei no T, a gente veio de São José. Tô sem dormir, passei a madrugada andando de moto[. . .]eu e uns parceiro [. . .]não dá nada não ter carteira é só não descer para Bento [. . .] se os cara nos pegam a gente ferra eles [. . .] agora de manhã passei na padaria peguei pão, presunto e leite para a gurizada lá da rua, larguei a moto, passei no T. e vim para cá [. . .] N., 17 anos.

[. . .] Hoje faltam duas semanas para eu terminar minha PSC. A essas horas lá na FASE os “Seus”<sup>45</sup> já tinham passado e recolhido os colchões com a música “Jesus te ama e o colchão te abandona!”. Imagina nesse frio? Que bom que to aqui agora, meu pai disse que aqui é uma “molezinha” que nem parece PSC, a gente tem até café e comida. Cheguei aqui e fiquei esperando abrirem a porta, fiquei só olhando. Todo mundo aqui usa “All STAR”<sup>46</sup>. Aqui só dá isso! Mas aqui só estuda rico! [. . .]Também já vi uns aqui que são da vila! A gente vê quando é da vila, eles olham para gente e não tão nem aí... e os “outros” ficam tudo espiado... a gente vê na hora... no elevador ficam tudo nos olhando... [. . .]A.,16 anos.

[. . .]Saí do serviço, fumei umas três maconhas, daí vim pra cá[. . .]Y, 17 anos.

[. . .]Dormi na sala, fiquei vendo vídeo. Dormi num colchão no chão. Quando meu pai saiu de manhã fui lá dormir com a minha mãe.

<sup>43</sup> Os “caras” aqui mencionado pelo adolescente trata-se da brigada militar fazendo o que denominamos de “batida policial”, revista em adolescentes que desciam o ônibus nesse momento em que M. vinha para a oficina nessa manhã.

<sup>44</sup> Adolescente que iniciou sua PSC nesse dia.

<sup>45</sup> Forma como os adolescentes chamam os monitores da FASE: Seus e Dona.

<sup>46</sup> Adolescente em seu trajeto do dia fazendo referência ao tênis All Star. Diário de campo 2010 – primeiro semestre.

Acordei 12:20 h, aí levantei tomei um banho, saí de casa, cumprimentei a gurizada da esquina e peguei o ônibus 5 pra uma hora e vim pra cá [. . .] W., 17 anos.

[. . .] Bah! Hoje não deu para pensar no trajeto, eu vim dormindo no ônibus, acordei aqui. [. . .] W., 17 anos.

[. . .] Hoje acordei atrasada... pra variar como sempre. Esqueci a câmera em cima da cama, tive duas provas de artes e história. Fui bem nas duas. Depois da aula fui pra frente do Julinho<sup>47</sup> esperar minhas amigas, peguei o ônibus e vim pra cá. Não almocei. [. . .] B., 15 anos.

Os trajetos aqui descritos são uma das possibilidades de acesso e aproximação do que esses adolescentes nos trazem em suas narrativas. Em muitos momentos, as descrições dos percursos/trajetos funcionaram como portas de entrada para determinados assuntos, como por exemplo, esse dia a dia em casa, esse deslocamento até a UFRGS, a relação com a polícia, situações do período em que alguns estiveram em medida provisória de internação junto à FASE, a relação com a família, indagações sobre o próprio PSC, sobre as oficinas e este lugar que é a UFRGS (quem são os estudantes daqui que usam *All Star*), o ato infracional, a relação com o sistema de justiça, o DECA, enfim, falas que vão produzindo outras imagens dessas vidas e destes deslocamentos pela própria vida dos adolescentes, por suas comunidades e pela cidade.

As oficinas desenvolvem um processo que possibilita acolher essas falas, e também a fala da própria infração que aparece em distintos momentos, conforme segue:

#### **5.4.1 Oficina de 11 de maio de 2010 / tarde – organização das fotos e exposição para o grupo das oficinas**

Adolescente A.: a gente compra as mochilas lá por 40 pila! E vem só roupa de marca...

[. . .] de onde vêm essas mochilas?

Adolescente F.: os patrão compram dos pedreiros... dos craqueiro, eles roubam e trocam por pedra...

[. . .] e vocês compram e usam as roupas? Que roupas tem lá mesmo?

<sup>47</sup> Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

Adolescente A.: de tudo, *nike*, *reebook*, da fila, só de marca boa... uma mochila dessa tem mais de 200 reais em roupa e a gente paga só 40...

[. . .] deixa ver se a gente entende? Aí vocês saem com a mochila um dia para dormir na casa de um amigo, cheia de roupa para ir pro Sob Nova Direção<sup>48</sup> e um pedreiro vem e toma a mochila de vocês e volta lá e vende para o patrão de novo... só que agora pode ter além daquelas roupas que vieram com a mochila uma camiseta que vocês escolheram na loja e ganharam de aniversário da mãe de vocês que nem pagou a primeira prestação ainda... seria mais ou menos isso?

Adolescente W.: pior, a gente não pensa nisso... mas o cara fica bem vestido, isso é o que importa... e se tá na chuva é pra se molhar não é?

[. . .] o que vocês acham? Eu me sentiria muito mal, se me levassem as minhas roupas...

Adolescente B.: pior, eu ficaria pra morrer!

Adolescente G.: é Sora, a gente fica é alimentando esse negócio aí... pior...

Aqui com essas falas, e na verdade, durante a oficina somos colocados frente a frente com a questão “o que fazer com isso, com essa fala?”. Como colocar em análise, a partir desse espaço da oficina, o próprio ato infracional? Afirmar enquanto equipe e com o grupo das oficinas que a infração é também nosso foco de análise no cotidiano do trabalho. Fazer do grupo da oficina um dispositivo de intervenção que desnaturalize algumas práticas, crenças e verdades consideradas como absolutas tanto em relação aos adolescentes e suas formas de conceber o contexto sócio-político em que estão submersos. Também, da parte da equipe produz-se uma mudança de olhar e perceber quem são os adolescentes submetidos às medidas socioeducativas. Como ao próprio sistema das medidas socioeducativas em relação a quem são esses sujeitos atendidos.

Temos como prática questionar as situações, e problematizar com os adolescentes sobre as situações/contextos que o levaram ao cometimento do ato infracional. Buscamos refletir sobre essas situações afirmando que as mesmas não são “naturais”, pois há um plano de produção sócio-histórico e entender que esse plano é coletivo. Afirmar que estamos em rede, conectados uns aos outros. E que podemos discutir a partir das oficinas que “outras formas” pode-se dar para as

<sup>48</sup> Baile Funk freqüentado por grande parte dos adolescentes do grupo.

situações que eles vem enfrentando isoladamente. Desse coletivo podemos imaginar saídas.

Outras situações que queremos dar destaque aqui nessa cena é uma das formas que os adolescentes deram ao FotoZoom (projeto de fotografia realizado com o grupo) quando estes dão consistência às suas falas nas imagens que produziram com a máquina descartável em mãos.

São apresentadas a seguir as imagens do trajeto produzidas por um dos adolescentes, constituindo-as como análise dos modos como essa experiência de oficina socioeducativa compõe eles também com os singulares trajetos de suas vidas em nossa cidade.

#### 5.4.2 Adolescente W.C.F.

A Figura 9 apresentada imagens capturadas por W.F., 17 anos, que relata o percurso de sua casa até a parada do ônibus, e a Figura 10 é foto de seu pé ao descer na UFRGS, conforme segue:

[. . .] Vou fazer 18 anos em agosto. Moro na Lomba do Pinheiro com minha mãe, mais sete irmãos e meu pai. Eu sou o mais velho. Muita gente. Minha família é o mais importante. Tem muitas coisas que gosto de fazer como jogar bola. Trabalho. [. . .]

[. . .] Aí é onde os guris ficam fazendo as proezas. Ficam queimando a erva. É a esquina da minha casa. Vou guardar uma foto desta recordação. Antes de ir preso ficava direto aí. Só. Ainda fico direto. Fico fumando meu cigarro e olhando eles fumando, dando risada deles chapados. [. . .]

[. . .] Hoje eu acordei e foi um dia diferente. Fui saindo de casa e pensando que iria trazer o trajeto no bolso. Essas fotos são isso. Só. [. . .]





**Figura 9 - Trajeto no bolso.**  
**Fonte: W. C. F.**

[. . .] Essa foto (Figura 10) ficou legal. Pé na faixa de segurança quando desci aqui na UFRGS. Só. [. . .]



**Figura 10** - Faixa de segurança.  
**Fonte:** W. C. F.

## 6 OFICINA: CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA SOCIOEDUCATIVA

A análise do trabalho realizado com as oficinas nos conduz a questão sobre a oficina, como espaço de encontro, poderia operar como uma “intervenção educativa” orientada por uma pedagogia da invenção que acolhe e promove modos de expressão possibilitando que o adolescente tenha um olhar para o que ele pode ser além da infração e da medida.

Neste capítulo buscamos promover a discussão sobre as repercussões da experiência da oficina na relação do adolescente com a medida socioeducativa.

Se o espaço aqui problematizado possibilita ao adolescente um voltar-se para si e para a presença do outro, entre exercícios de expressão compartilhados com a escuta do outro e se pode significar outros sentidos para as relações de sua vida de outro modo, vivenciando também um exercício ético.

A aproximação com essa experiência nos incita na busca dos diferentes conceitos que existem sobre os modos de oficiar e até mesmo o significado de OFICINAR. Para produzirmos um diálogo conceitual com o nosso modo de Oficiar, apresentaremos também as diretrizes que orientam a política de medida socioeducativa.

### 6.1 CONCEITOS E BUSCAS PARA UMA OFICINA SOCIOEDUCATIVA

Ao consultar a Wikipédia, enciclopédia livre na Internet (acesso em outubro de 2010) para se aproximar de uma definição do que “pode ser” uma oficina temos:

“Esta palavra define o local de uma atividade laboral, principalmente manual ou artesanal, tal como a que desenvolve um electricista ou mecânico. Provém do latim "opificium", derivada de "opificis", artesão, que se formou, por sua vez, mediante a justaposição de "opus", obra, e "facere", fazer. Muitas palavras de nossa língua procedem de "opificium" e seus derivados, tais como **ofício**, **oficial**, **oficioso**”.

**“Oficina pedagógica:** ambiente destinado ao desenvolvimento das aptidões e habilidades, mediante atividades laborativas orientadas por professores capacitados, e em que estão disponíveis diferentes tipos de equipamentos e materiais para o ensino ou aprendizagem, nas diversas áreas do desempenho profissional”.  
(WIKIPÉDIA, 2010)



E segundo o Dicionário Aurélio:

1. Lugar onde se exerce um ofício.
  2. Lugar onde se fazem consertos em veículos automóveis.
  3. Dependência de igreja, convento, etc., destinada a refeitório, despensa ou cozinha.
  4. Lugar onde se verificam grandes transformações.
- (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, 1986)

A partir das informações acima iniciamos uma busca por conceituar o nosso Oficinar – as Oficinas do PPSC, mas primeiramente conceituar Oficina.

Dois sentidos provocam um pensar: 1) oficina enquanto uma justaposição de **opus** e **facere** – o que poderíamos pensar em uma atividade artesanal que combinaria obra e fazer; 2) lugar onde se verificam grandes transformações.

Esses sentidos para pensarmos a oficina como um *lócus* de mudança e de produção de si nas relações. Um lugar para **fazer com**, um lugar para **transformar junto**, e poderíamos arriscar mais um pouco ao sugerir como um lugar para **(se) inventar**.

As Oficinas, tendo uma pedagogia orientada pela invenção de modos de expressão, possibilita o olhar do próprio adolescente para sua produção de vida. Quem é esse adolescente? O que mais ele é? O que mais ele pode ser para além da infração e da medida? Ele olha, nós olhamos, olhares em movimento que possibilitam a reflexão, a parada, a escuta para significar a vida de outro modo, um exercício ético.

A escolha das oficinas como foco de análise para essa pesquisa de mestrado se deu a partir de um lugar de coordenação, de um lugar de experimentação, de um estar junto e de um conviver com os diferentes grupos de adolescentes que pelas oficinas passaram e compartilharam dessa história, no período de outubro de 2009 a julho de 2010.

Apesar de vivenciarmos com frequência o uso do termo **oficina** como estratégia de intervenção, principalmente em espaços voltados à educação e/ou a projetos socioeducativos, foi difícil verificar estudos em publicação sobre o termo.

Ao acessarmos o SINASE (2006) temos as oficinas apresentadas como uma intervenção técnica necessária desde o momento do acolhimento ao adolescente junto à medida socioeducativa. Elas estão localizadas no item que faz referência aos

parâmetros da gestão pedagógica no atendimento socioeducativo, mas não há nenhuma especificação ou informação sobre as mesmas.

Mas a busca de referências bibliográficas sobre os temas “Oficina”<sup>49</sup>, “Oficina Socioeducativa” ou “Oficina com adolescentes”, nos mostra que há poucos estudos sobre este tema. Os estudos que aparecem trazem definições como “descrição de experiências”, mas não teorizam sobre as oficinas ou sobre o ato “oficinar”.

Ao colocarmos “oficinas socioeducativas” as informações e publicações que vem são quase nulas acerca da temática. Por exemplo: *links* trazem **“CREAS promove oficina para adolescentes que cumprem medidas socioeducativas”**<sup>50</sup> ao abrir o link a informação é de que essas oficinas são cursos oferecidos na área de lazer como “jiu-jitsu” ou curso de “mecânica de motos”. Outra reportagem nos traz a iniciativa da **Defensoria Pública do Pará de estar organizando oficinas denominadas Oficinas Psico-sócio-pedagógicas**<sup>51</sup> com adolescentes de uma turma de sócio-educandos. Na reportagem aparece que se deu início em abril de 2010 e que a proposta é dar uma continuidade dos encontros uma vez por mês.

Outro exemplo: ao consultar o site [www.scielo.org](http://www.scielo.org) e fazer uma busca por “oficinas socioeducativas” o resultado é nulo; ao buscar oficinas com adolescentes como resultado constam de 16 artigos, destes 7 artigos discutem “oficinas sobre sexualidade com adolescentes”, 3 artigos são trabalhos com “oficinas voltadas à prevenção e/ou uso de drogas”, 2 artigos versam sobre “a adolescência e a saúde mental”, 1 está voltado para “oficina sobre violência sexual infanto-juvenil” e os demais não são vinculados ao termo oficina e sim adolescência.

Nesse exercício de conceituar oficina buscamos as referências sobre “oficinas terapêuticas” utilizadas na saúde mental, pois estas são apresentadas como uma proposta de reabilitação e também de discussão enquanto ‘espaço de intervenção’, conforme apontado por Valladares e outros (2003). Há uma discussão acerca das oficinas terapêuticas enquanto Política Nacional de Saúde Mental objetivando uma diferenciação das práticas anteriores à reforma psiquiátrica, para além de um

<sup>49</sup> Scielo, Portal CAPES, Biblioteca Virtual em Adolescência e Saúde e outros sites de busca.

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://www.suldopiaui.com.br/noticias/picos/2,5531,creas-promove-oficinas-para-adolescentes-que-cumprem-medidas-socioeducativas.html>>. Acesso em: 11 set. 2010.

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/noticias/2169049/naeca-da-defensoria-publica-realiza-a-1-oficina-psico-socio-educativa>> Acesso em: 11 set. 2010.

‘tratamento moral’. O termo “oficina” vem sendo muito empregado para designar atividades que estão sendo desenvolvidas nos espaços substitutivos de cuidados em saúde mental.

O que notamos através dessa busca de conceitos sobre “oficina” é que existe uma diversidade enorme das atividades que utilizam dessa nomenclatura para se caracterizarem, sem produzirem definições das mesmas. O próprio SINASE sugere esta enquanto intervenção pedagógica sem maiores definições ou critérios, mas o que seria exatamente uma “oficina”?

Delgado, Leal e Venâncio (1997) identificam três caminhos possíveis para a realização de uma oficina:

- a) Espaço de criação – são aquelas oficinas que possuem como principal característica a utilização da criação artística como atividade e como um espaço que propicia a experimentação constante.
- b) Espaço de Atividades Manuais – seriam oficinas que utilizam o espaço para a realização de atividades manuais, onde seria necessário um determinado grau de habilidade e onde são construídos produtos úteis à sociedade. O produto destas oficinas é utilizado como objeto de troca material.
- c) Espaço de Promoção e Interação – é a oficina que tem como objetivo a promoção de interação de convivência entre os clientes, os técnicos, os familiares e a sociedade como um todo.

Valladares e outros (2003) apontam que o conceito de oficina sofreu várias modificações ao longo do tempo. As autoras trazem o significado do termo “oficina” em dois momentos históricos<sup>52</sup>, e para isso trazem dois conceitos que são entretenimento (algo que faz passar o tempo) e empowerment (valorização do poder contratual dos pacientes nas instituições e do seu poder relacional nos contatos interpessoais na sociedade) que seriam como uma espécie de marca registrada desses tempos respectivamente.

<sup>52</sup> Momentos históricos definidos dentro do contexto da Reforma Psiquiátrica – a concepção de reabilitação que antes era uma restituição a uma ‘normalidade’ e, hoje, considerada enquanto processo psicossocial – promovendo a relação dos sujeitos com as instituições sociais e produzindo a partir daí uma reabilitação e inserção.

Segundo as autoras (2003), tivemos um momento em que as oficinas eram concebidas como um espaço de ocupação e entretenimento apenas, muitas vezes, com práticas de trabalhos repetitivos e monótonos. Com a perspectiva de atingir uma canalização da agressividade, penitência, expressão de impulsos sexuais/sociais; suas modalidades apresentavam-se enquanto terapia ocupacional, terapia recreativa e terapia educacional. Realizadas em salas especiais dentro das instituições (hospital) e sob a coordenação de uma equipe multidisciplinar, seguindo um modelo essencialmente biológico e organicista.

Mas as autoras trazem o desejo de que as oficinas possam constituir-se num cenário que busque ampliar as habilidades, aumentar a autonomia e poder contratual dos envolvidos; o empowerment (esses sujeitos empoderados de/nas relações vida a fora), favorecendo um espaço de valorização das singularidades e desenvolvimento do potencial criativo.

Assim, produzindo um rompimento com o isolamento e inserção no mundo social e provocando a construção de territórios existenciais; efetuação do desejo na vida, no trabalho e na criação; reinvenção da vida em seus aspectos mais cotidianos. E as oficinas tornando-se **espaços de criação** atividades manuais e de promoção de interação. Estas realizadas em *setting* terapêutico isomórfico em relação à realidade externa (vida social e produtiva) acompanhadas de uma equipe inter/transdisciplinar, com abordagem holística e integrada.

Para Valladares e outros (2003), a experiência do trabalho das oficinas torna-se positiva quando uma de suas funções é também o de intervir no campo da cidadania. Assim, atuando no âmbito social, contribui como possibilidade de transformação da realidade atual.

Para Zaniol (2005, p. 40, grifo nosso) poderíamos pensar o espaço das oficinas a partir de uma dimensão política dessa modalidade de intervenção. A oficina como uma tecnologia social por produzir um espaço coletivo de trocas, um espaço de atualização de convivências de coordenações de ações, de reflexões, de posições políticas. Constitui uma tecnologia social pela possibilidade de **exercício da expressividade** e da **visibilidade**. Elas constroem também uma realidade compartilhada que ganha consistência a partir da interação entre seus participantes.

Para Arendt (1989, p. 60) a presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos, essa

garantia da realidade do mundo e dos homens é produzida no coletivo, nesse ver e ouvir com o outro.

Poderíamos aqui pensar “visibilidade” como destaca Gorczevski (2007) em sua tese *Micropolíticas da Juventude* como uma realidade compartilhada, deslocando o conceito de visibilidade de algo próximo a uma valoração da auto-estima, de um reconhecimento ou reforço narcísico, mas sim na contramão do narcisismo – “quanto mais ampla a extensão da ‘praça pública’, imagina-se que menor é a necessidade de narcisismo” (2007, p. 27). E visibilidade também consiste no enlace do “outro”, e nesse sentido, o outro precisa estar disponível. Construïmos nessa relação com o outro.

Como podemos pensar a partir dessas perspectivas o conceito de Oficina Socioeducativa?

Segundo o SINASE (2006), as ações socioeducativas devem exercer uma influencia sobre a vida do adolescente, favorecendo a construção de um projeto de vida, um pertencimento social e o respeito à diferença, possibilitando que assuma um papel de “sujeito” na sua dinâmica social e comunitária.

Neste sentido, as oficinas socioeducativas constituem-se numa importante ferramenta para o exercício de cidadania e afirmação da vida, abrindo um espaço para o encontro e possibilitando uma reflexão para além da infração e da medida em si, fazendo fluir a relação para em outro momento a infração retornar como foco de análise e não somente como uma punição.

## 6.2 O QUE A OFICINA PODE?

Perguntar “o que a oficina pode?” é o mesmo que perguntar o que a compõe, o que passa pela oficina socioeducativa do PPSC. Com essa questão procuramos nos aproximar (fazer um zoom) do como a oficina pode afetar e ser afetada pelos adolescentes que a compõem e que vão passando por ela?

Ao focarmos o plano de composição das oficinas, observamos que estas se apresentam e se tornam presentes a partir da variação entre seus componentes (equipe e adolescentes) e da própria instituição das medidas socioeducativas.

Conforme Barros (2007, p. 310), estar frente a outros dispara movimentos inesperados porque é o desconhecido – não só enquanto experiência, como

também enquanto modo de experimentar – que passa a percorrer as superfícies dos encontros. Nas oficinas do PPSC a presença de outros, como expressão dos mundos possíveis; e a autora destaca que neste ponto a presença de outro criando passagens para o ato analítico, tirando do foco o analista (neste trabalho a pesquisadora e equipe do PPSC) e convocando a todos que participam das oficinas a ação de analisadores.

Questionar o que a oficina pode é questionar os seus limites, e seus limites dentro do contexto das medidas socioeducativas. Poderíamos repetir a questão “o que a oficina acolhe?”, ou seja, uma oficina que acolhe diferentes modos de expressão e, também, um adolescente em conflito com a lei, esse impasse que faz surgir o ato infracional. A partir da experiência fomos aprendendo com os grupos de adolescentes a necessidade de se deixar questões em aberto, questões problematizadoras, acolher as falas e deixa-las, muitas vezes, reverberar sobre o grupo, pois em seguida elas retornariam como eco de todos, e passariam, então, por ser colocadas em análise no coletivo.

A pauta de discussão seguia a questão “tempo”, a noção de tempo em suas vidas, um tempo que urge que passa pelo ato, pelo ato infracional, que nas oficinas se encontrava sempre no tempo “passado”, e a questão persistente era o tempo “futuro”, conforme fala de R. 16 anos, “não adianta o cara saber fazer isso, se eu for lá na escola me oferecer para dar oficina na Escola Aberta a diretora vai me correr de lá, imagina um infrator dando curso?”<sup>53</sup>. Ou na fala de A. 17 anos: “Bah! Se o cara tenta um trabalho o cara não consegue, ninguém nota o cara, não tão nem aí! Mas se o cara cai pro crime aí todo mundo comparece!”<sup>54</sup>.

Nessas duas falas um tempo “futuro” que traz o incerto, o duvidoso, o vazio. Com isso, a oficina passa a ser esse espaço de problematização de um tempo. O tempo presente. Acolher esse tempo, que muitas vezes é marcado pelo intervalo entre passado e futuro, um passado que muitos dos adolescentes trazem como

---

<sup>53</sup> Diário de campo 2010 – segundo semestre. Adolescente que, ao freqüentar as oficinas de reciclagem junto a um setor da Universidade, produz objetos com papel que, com certeza, poderiam ser vendidos e abrir um outro espaço em sua vida, essa fala dele vem quando a pesquisadora lhe questiona por que ele não tenta dar oficina na Escola Aberta de reciclagem, pois ele tem se destacado nessas oficinas.

<sup>54</sup> Adolescente que estava em processo de busca de trabalho e/ou estágio, sendo acompanhado nesse processo pela equipe do PPSC na inscrição e entrega de currículos em diferentes lugares.

“erro” ou “engano” ou “condenável”, mas que ao mesmo tempo em suas vidas dá um sentido de “lugar”. E propõe com os adolescentes pensar um “presente” – nessa pesquisa, consideramos que esse exercício foi possível a partir da oficina zoom, das problematizações realizadas a partir do movimento de se aproximar e se afastar de si, e dos diferentes lugares de suas vidas. Esse exercício inclui aproximar-se do ato infracional, das dúvidas de futuro, dos impasses de passado, e da afirmação de um presente.

Assim, possibilitar através das oficinas, ao adolescente um voltar-se para si e para a presença do outro, num fazer coletivo, significando outros modos de relacionar-se consigo e com a vida, vivenciando um exercício ético. E vivenciar esse exercício ético é se colocar a ouvir o “estrangeiro que se produz no encontro com o outro, que trabalha as matérias de expressão.” (Barros, p. 323, 2007).

Na nossa experiência das oficinas no primeiro semestre de 2010, tivemos um momento que marcou essa análise, ou seja, o momento em que os adolescentes receberam as máquinas descartáveis e quando lhes foi feita uma proposta de um projeto de fotografia.

Eles conduziram o trabalho de fotografia a partir do que aprenderam e viveram anteriormente na Oficina Zoom. O grupo estabelece que o projeto de fotografia iria pelo caminho Zoom, e aqui queremos destacar que não se trata do dispositivo “Zoom” nosso foco de análise, mas sim, de um modo de relacionar-se que dá abertura para que essa intervenção do grupo aconteça, constituindo-se aqui uma linha educativa de intervenção que constrói com eles, que coloca a oficina de fotografia de “outros” como “deles”: um “fazer com”.

Cumprir a medida não era somente cumprir uma cronologia, número de semanas, horários das oficinas, horário no setor, uma contabilização de um tempo, o tempo da medida. Poderia ser, também, viver um outro tempo, o do encontro com aquele grupo, o das intensidades de seus trajetos e percursos, de suas vidas, de suas falas, suas famílias, seus amigos, suas vontades, seus gostos e desgostos, sua infração, enfim, de suas imagens produzidas com/nas oficinas socioeducativas do Programa de Prestação de Serviços à Comunidade da UFRGS.

Novamente, podemos nos aproximar do que inquietou em 2005 durante a pesquisa: A Pedagogia das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto. A questão “o critério relacionamento” que surgiu naquela pesquisa.

Assim, acontece esta oficina, no processo de relação com os adolescentes. A partir do trabalho inicial, denominado Oficina Zoom, pudemos acolher o grupo e, em seguida, com o Projeto FotoZoom propor um deslocamento do nosso foco enquanto oficina, enquanto intervenção com esses adolescentes. Compondo com eles uma forma de produzir imagens, de produzir histórias, de trazer suas narrativas de um fundo da imagem para transforma-las em figuras, em algo que apareça e que possa ser colocado em análise.

Deslocamos o foco do cumprimento da medida para a vida do adolescentes. Aproximando-nos de seus trajetos e percursos. Ajustamos as lentes do nosso Zoom, ampliando essa imagem da vida deles, e percebendo o que mais eles poderiam ser além da infração que os trouxe ao cumprimento da medida de PSC e ao grupo das oficinas. A partir desse momento temos outros elementos para com os adolescentes compor outras cenas, abre-se um espaço para problematizar que outros modos de existir e de resistir eles pode estar inventando em suas vidas.



## 7 CONCLUSÕES

Ao longo desse processo de pesquisa, buscamos sistematizar, descrever e analisar o modo de trabalhar junto aos adolescentes em medidas socioeducativas do PPSC/UFRGS.

Para essa apresentação escolhemos cenas, e gostaríamos de salientar que essas cenas estão abertas para outras questões e discussões, o que aparece aqui enquanto discussão é um ponto de vista, são imagens que se produziram no processo desse encontro. Essas cenas foram produzindo, também, outras formas de olhar para a própria prática de coordenação das oficinas, problematizar esse lugar de quem, em muitos momentos, dá o tom, lança a questão, problematiza, olha, para. Foi um tempo/espço para produzir imagens para a pesquisa, para o que se pergunta, e também, para refletir sobre uma prática, sobre um “estar com” esses adolescentes.

Uma análise do processo educativo da oficina desenvolvido na intervenção junto aos adolescentes nos conduziu a entender esse exercício metodológico como uma marca significativa na atuação do PPSC. Por se tratar de uma intervenção educativa pautada em uma pedagogia orientada pela invenção, pois nos diferentes momentos das oficinas aqui analisadas a prioridade é acolher o adolescente e promover um encontro com este a partir do que ele nos revela.

Como efeito dessa aproximação também acontece um fortalecimento de nossa atuação enquanto equipe e do próprio Programa como uma instituição que opera uma política de atendimento pautada em políticas públicas juvenis, ou seja, somos executores de um atendimento aos adolescentes enquanto sujeitos de direito vinculados à noção de proteção integral concebida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, e de um sujeito em pleno desenvolvimento, em sua diversidade e exercício de cidadania.

Também, as oficinas promovem uma relação entre a equipe do PPSC com todo o universo desses adolescentes, nos aproximam de suas imagens da escola, da casa, da comunidade, da infração, dos seus sentimentos, suas vontades, do trabalho, dos projetos, dos sonhos, enfim, de suas vidas acontecendo.

Outro destaque importante, a partir dessa pesquisa, é sobre o cenário das medidas socioeducativas que, observado na pesquisa citada neste trabalho (2005),

observamos que raramente os programas ou unidades de execução das medidas socioeducativas em meio aberto no RS envolvem uma intervenção educativa, ou apresentam um projeto pedagógico como ordenador de ação e gestão para este atendimento.

Questões que me acompanharam desde 2005, e que ainda estão vigorosas em minha reflexão ‘o que seria o critério relacionamento?’ ou ‘Como seria uma intervenção educativa junto à medida?’, e reverberaram nessa pesquisa sobre as Oficinas Socioeducativas, a partir delas percebi que se trata de um processo e de um exercício de “estar junto”. Com isso se atinge uma forma de vínculo com cada um desses adolescentes, e esta ‘forma’ não é dada *a priori*, mas sim a partir do encontro com o outro.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Kátia Faria; ROCHA, Marisa Lopes. Micropolítica e o Exercício da Pesquisa-intervenção: Referenciais e Dispositivos em Análise. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 27, n.4, p.648-663, 2007

AGUIAR, Kátia Faria; ROCHA, Marisa Lopes. Pesquisa-intervenção e a Produção de Novas Análises. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 23, n.4, p.64-73, 2003.

ARENDT, Hannah. As esferas pública e privada. **A Condição Humana**. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

BANYAI, Istvan. **Zoom**. São Paulo: Brique-Book, 1995

BARROS, Regina Benevides de. **Grupo: a afirmação de um simulacro**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007.

BOCCO, Fernanda. **Cartografias da infração juvenil**. Porto Alegre: ABRAPSO SUL, 2009.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei Federal 8069/1990, de 16 de setembro de 1990. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE**. Brasília: CONANDA, 2006.

CRAIDY, Carmem Maria ; GONÇALVES, Liana Lemos. **Medidas sócio-educativas: da repressão à educação; a experiência do Programa de Prestação de Serviços à Comunidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

CRAIDY, Carmem Maria. Da doutrina de proteção integral aos impasses na execução das medidas socioeducativas. **Prêmio Socioeducando – 3ª edição: práticas promissoras – garantindo direitos e políticas públicas**. São Paulo: Ilanud: Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República – SDH-PR, 2010.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DERDYK, Edith. **Linha de horizonte: por uma poética do ato criador**. São Paulo: Escuta, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda **Dicionário Aurélio (1986)**: "Novo Dicionário da Língua Portuguesa", 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALLO, Sílvio. **Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença**. Disponível em: <[http://www.grupalfa.com.br/arquivos/Congresso\\_trabalhosII/palestras/Gallo.pdf](http://www.grupalfa.com.br/arquivos/Congresso_trabalhosII/palestras/Gallo.pdf)> Acesso em: 20 set. 2009.

GORCZEWSKI, Deisimer. **Micropolíticas da juventude e visibilidades transversais**: in(ter)venções audiovisuais na Restinga, em Porto Alegre. 2007. 351 f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

KASTRUP, Virgínia. Competência ética e estratégias de resistência. In: GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. (org.). **Estratégias de invenção do presente**: a psicologia social no contemporâneo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MARASCHIN, Cleci. Pesquisar e intervir. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, v. 16, n.1, p.98-107, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>> Acesso em: 30 nov. 2009.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Passos, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTANA, Fernando. **Caracterização dos adolescentes que evadiram do PPSC da UFRGS em 2007-2008**. Anais do XXI Salão de Iniciação Científica da UFRGS. UFRGS, Porto Alegre: 19 a 23 de outubro de 2009.

SARAIVA, João Batista Costa. A idade e as razões: não ao rebaixamento da imputabilidade penal. In: SARAIVA, J. B., JÚNIOR, R. K. e VOLPI, Mário (org.). **Adolescentes privados de liberdade: A Normativa Nacional e Internacional &**

**Reflexões acerca da responsabilidade penal / FONACRIAD.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 157-173.

SARAIVA, João Batista Costa. **Medidas socioeducativas e o adolescente infrator.** Disponível em: <[http://www. mp.rs.gov.br/infancia/doutrina/id168.htm](http://www.mp.rs.gov.br/infancia/doutrina/id168.htm)>. Acesso em: 16 set. 2009.

SILVA, Paula Marques da. **Política Públicas e Formação em Psicologia: a formação como experiência e prática de si.** 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOARES, Sergei; SÁTYRO, Natália. **O Impacto da Infra-Estrutura Escolar na taxa de Distorção Idade-Série das Escolas Brasileiras de Ensino Fundamental – 1998 a 2005.** Disponível em: <<http://web.inep.gov.br/imprensa/noticias/outras/>> Acesso em: 20 nov. 2010.

TEIXEIRA, Ricardo. O acolhimento num serviço de saúde entendido como uma rede de conversações. In: PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Ruben Araújo de (Orgs.) **Construção integralidade: cotidiano, sabores e práticas.** Rio de Janeiro: Cepesc, 2003.

VALLADARES, A. C. A.; LAPPANN-BOTTI, N.C.; MELLO, R.; KANTORSKI, L. P.; SCATENA, M. C. M. Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 5, n.1 p. 4-9, 2003. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista>>. Acesso em: 02 set. 2010.

ZANIOL, Elisângela. **Oficinando com Jovens: a produção de autoria na Restinga.** 2005. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

## APÊNDICE A: Cronogramas da Oficina Zoom.

### OFICINA ZOOM

Descrição da Proposta:

#### **Primeiro momento: Apresentação das oficinas.**

Exibição do PowerPoint das oficinas de 2009 e conversa sobre como vem acontecendo as oficinas do PPSC e nossos objetivos com esse espaço.

Discussão das oficinas junto à medida socioeducativa de PSC (a circulação e continuidade de adolescentes nas oficinas, oficinairos externos, acordo com o judiciário, etc.).

Combinações acerca do funcionamento das oficinas em 2010 (horário, organização, utilização e limpeza do espaço, utilização dos equipamentos e materiais).

#### **Segundo momento: Apresentação do grupo.**

Dinâmica da Teia – o grupo recebe um rolo de barbante, a primeira pessoa se apresenta e responde uma questão (qual e como foi o seu trajeto casa - UFRGS nesse dia?), em seguida lança o barbante aleatoriamente à outra pessoa, que continuará a dinâmica.

No fim, teremos uma teia (desenho) formada pelo barbante ligando os integrantes desse grupo – faremos a discussão do entendimento desta teia para o PPSC e para este grupo que se forma.

Como proposta para esta discussão, pensar com os adolescentes o que significa estar conectado ao outro e as situações que nos envolvem, lembrando do espaço que ocupamos aqui na UFRGS.

#### **Terceiro momento: Exibição e problematização do livro “Zoom” digitalizado; Percepção de si, do outro, do lugar e das relações destes.**

Exibição do PowerPoint da digitalização do livro “Zoom” e a circulação do próprio livro.

Escuta do grupo de como perceberam e sentiram a apresentação das imagens. Conversa sobre as nossas experiências que remetem a este deslocamento de olhar que o livro propõe.

**Quarto momento: Confeção das peças de um quebra-cabeça.**

Cada adolescente recebe um cubo em mdf e todos recebem cartões de diversas cores, no tamanho das faces dos cubos, canetas hidrocor, lápis de cor, tinta, etc. A proposta é cada um ilustrar um cubo, com estes cartões, pensando em si e no seu mundo, de modo que eles acabem mostrando o seu “zoom”, por isso as seis faces do cubo.

No fim, montaremos o “quebra-cabeça”. Cada peça é uma pessoa, todo o quebra-cabeça é o nosso conjunto, cada movimento de peça é o momento ou um lado diferente de cada pessoa.

Com papelão e massa de modelar faremos um suporte para termos este quebra-cabeça montado na sala de oficinas e assim visualizarmos as diferentes composições possíveis de um zoom coletivo desse grupo. Podendo inclusive nos remeter para esta imagem em outras oficinas.

**Quinto momento: Visita ao campus da UFRGS (Campus Olímpico e Campus Central).**

Aqui uma tentativa de experienciar o “zoom” com os adolescentes através do deslocamento Campus Central para outro Campus (cada grupo escolherá o Campus). Mostrando, no mapa, as áreas de estudo que existem, onde estamos neste mapa (FACED, PPSC e setores onde eles cumprem a medida) e para onde iremos.

## APÊNDICE B: Portfólio das Oficinas – demonstrativo do portfólio 2010/01

### Portfólio Oficinas 2010 Primeiro Semestre

#### Por que um portfólio?

Segue abaixo as descrições de Portfólio retirado da enciclopédia livre Wikipédia:

Um **portfólio** ou **portefólio** (ou ainda **porta-fólio**) é uma lista de [trabalhos](#) de um profissional ou [empresa](#). O portfólio é uma coleção de todo o trabalho em andamento na organização relacionado com o alcance dos objetivos do negócio. Toda organização tem um portfólio, mesmo que não reconheça especificamente. Consiste nos trabalhos que estão em andamento na empresa, estejam estes trabalhos relacionados de alguma forma entre si ou não. Algumas organizações tem portfólios separados por departamentos, divisões ou unidades de negócio. Em última instância, deve haver um portfólio abrangente para a organização como um todo. (WIKIPÉDIA, acessado em 20/09/2010)

E fazendo referência a arte, fotografia e publicidade a página apresenta como:

O portfólio pode também ser considerado um material acumulado pelo desenvolvimento de um conjunto de ações de sucesso voltado ao melhor resultado de uma pesquisa ou de um trabalho. São situações interpessoais, que individualmente agregam valores ao processo através de experiência desenvolvida dentro de um determinado período de tempo, por uma análise contínua durante a evolução de um projeto, identificando possíveis potenciais problemas que possam ocorrer no decorrer do processo. (WIKIPÉDIA, acessado em 20/09/2010)

E ao trazer o Portfólio no contexto da Educação temos nessa mesma enciclopédia:

O uso de portfólios na educação constitui uma estratégia que tem procurado corresponder às necessidades de aprofundar o conhecimento sobre a relação ensino-



aprendizagem, de modo a assegurar-lhe uma cada vez melhor compreensão e mais elevados índices de qualidade.

Tem-se desenvolvido esforços no sentido de uma melhor compreensão das implicações positivas que possam decorrer da sua utilização como estratégia de formação, de investigação, de avaliação e ainda como estratégia de investigação ao serviço da qualidade da formação.

[. . .]

O portfólio apresenta múltiplos aspectos e dimensões da aprendizagem, enquanto construção de conhecimentos e, desta, enquanto condição de desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes. Assim, com o aprofundamento e a apreciação das perspectivas educacionais, esta estratégia não apenas vai contribuir para uma estruturação inter-pessoal do conhecimento, como também vai facilitar, se desenvolvida ao longo de um período de tempo, a compreensão dos processos de ensino-aprendizagem. Através do uso do portfólio, podem-se tornar reconhecíveis, quer a natureza, quer a importância das relações interpessoais desenvolvidas nos processos de ensino-aprendizagem. (WIKIPÉDIA, acessado em 20/09/2010)

Portfólio para produzir um espaço topológico das oficinas, uma escrita desse lugar, que por ser um lugar-passagem<sup>55</sup>, um lugar móvel que nos convoca a pensar esse fazer, também, como ponto fixo – como forma, como uma dada composição.

A composição trazendo à superfície do processo das oficinas as diferenças, as expressões, as invenções que foram dando corpo a esse lugar-passagem que envolve um complexo jogo de forças, sempre em movimento e singularmente entrelaçado.

Segue uma descrição das oficinas, primeiro semestre de 2010, como tentativa de aproximação desta superfície, deste lugar-passagem, desta composição, destas configurações.

A proximidade da superfície abre uma clareira perceptiva, torna o olhar sensível, revela o traço digital de um destino, provoca a imersão do corpo no mundo. O movimento de aproximação convoca uma mediação dada pela natureza material da pele que se estende sobre as coisas, nos oferecendo a textura, a cor, o timbre, o tom, o limite, o elemento, o detalhe, o singular, o instante, o terreno... É o *zoom* de nossa lente perceptiva originando uma conjunção física entre os corpos, as formas, as matérias. (DERDYK, 2001)

### ***Linhas para tecer pequenos exemplos...***

<sup>55</sup> Conforme descrição oficinas.

## **Oficina Zoom**

### *Período:*

Segunda quinzena de março e primeira quinzena de abril

### *Objetivos:*

Apresentação das oficinas e da UFRGS;

Apresentação do grupo;

Exibição e problematização do livro “Zoom” digitalizado;

Percepção de si, do outro, do lugar e das relações destes;

Confecção de um quebra-cabeça;

Visita a um local da UFRGS.

### *Descrição da Proposta:*

#### ***Primeiro momento: Apresentação das oficinas.***

Exibição do PowerPoint das oficinas de 2009 e conversa sobre como vem acontecendo as oficinas do PPSC e nossos objetivos com esse espaço.

Discussão das oficinas junto à medida socioeducativa de PSC (a circulação e continuidade de adolescentes nas oficinas, oficinairos externos, acordo com o judiciário, etc.).

Combinações acerca do funcionamento das oficinas em 2010 (horário, organização, utilização e limpeza do espaço, utilização dos equipamentos e materiais).

#### ***Segundo momento: Apresentação do grupo.***

Dinâmica da Teia – o grupo recebe um rolo de barbante, a primeira pessoa se apresenta e responde uma questão (qual e como foi o seu trajeto casa-UFRGS nesse dia?), em seguida lança o barbante aleatoriamente à outra pessoa, que continuará a dinâmica.

No fim, teremos uma teia (desenho) formada pelo barbante ligando os integrantes desse grupo – faremos a discussão do entendimento desta teia para o PPSC e para este grupo que se forma.

Como proposta para esta discussão, pensar com os adolescentes o que significa estar conectado ao outro e as situações que nos envolvem, lembrando do espaço que ocupamos aqui na UFRGS.

***Terceiro momento: Exibição e problematização do livro “Zoom” digitalizado; Percepção de si, do outro, do lugar e das relações destes.***

Exibição do PowerPoint da digitalização do livro “Zoom” e a circulação do próprio livro.

Escuta do grupo de como perceberam e sentiram a apresentação das imagens. Conversa sobre as nossas experiências que remetem a este deslocamento de olhar que o livro propõe.

***Quarto momento: Confeção das peças de um quebra-cabeça.***

Cada adolescente recebe um cubo em mdf e todos recebem cartões de diversas cores, no tamanho das faces dos cubos, canetas hidrocor, lápis de cor, tinta, etc. A proposta é cada um ilustrar um cubo, com estes cartões, pensando em si e no seu mundo, de modo que eles acabem mostrando o seu “zoom”, por isso as seis faces do cubo.

No fim, montaremos o “quebra-cabeça”. Cada peça é uma pessoa, todo o quebra-cabeça é o nosso conjunto, cada movimento de peça é o momento ou um lado diferente de cada pessoa.

Com papelão e massa de modelar faremos um suporte para termos este quebra-cabeça montado na sala de oficinas e assim visualizarmos as diferentes composições possíveis de um zoom coletivo desse grupo. Podendo inclusive nos remeter para esta imagem em outras oficinas.

***Quinto momento: Visita aos campus da UFRGS (Campus Olímpico e Campus Central).***

Aqui uma tentativa de experienciar o “zoom” com os adolescentes através do deslocamento Campus Central para o Campus Olímpico. Mostrando, no mapa, as áreas de estudo que existem, onde estamos neste mapa (FACED, PPSC e setores onde eles cumprem a medida) e para onde iremos no dia - o Campus Olímpico.

Material a ser utilizado:

Sala da Central de Produções da FACED;

PowerPoint Oficinas de 2009;

Rolo de barbante;

PowerPoint do livro “Zoom”;

Livro Zoom (BANYAI, Istvan. *Zoom*. Rio de Janeiro: Brinque-Book, 1995.);

Cubos em mdf;

Papéis coloridos e de gramaturas diferentes;

Canetas hidrocor;

Giz de cera;

Lápis de cor;

Cola;

Tesoura;

Estilete;

Massa de modelar;

Papelão;

Mapa do campus da UFRGS;

Cartões TRI para visita ao Planetário.

## *Primeiros fios...*

### **16.03.2010 – Manhã**

Para essa oficina:

Apresentação das Oficinas, do Programa e da UFRGS; escuta dos adolescentes e suas expectativas com relação às oficinas.

Proposta:

#### ***Primeiro momento: Apresentação das oficinas.***

Exibição do PowerPoint das oficinas de 2009 e conversa sobre como vem acontecendo as oficinas do PPSC e nossos objetivos com esse espaço.

Discussão das oficinas junto à medida socioeducativa de PSC (a circulação e continuidade de adolescentes nas oficinas, oficinairos externos, acordo com o judiciário, etc.).

Combinações acerca do funcionamento das oficinas em 2010 (horário, organização, utilização e limpeza do espaço, utilização dos equipamentos e materiais).

#### ***Segundo momento: Apresentação do grupo.***

Dinâmica da Teia – o grupo recebe um rolo de barbante, a primeira pessoa se apresenta e responde uma questão (qual e como foi o seu trajeto casa-UFRGS nesse dia?), em seguida lança o barbante aleatoriamente à outra pessoa, que continuará a dinâmica.

No fim, teremos uma teia (desenho) formada pelo barbante ligando os integrantes desse grupo – faremos a discussão do entendimento desta teia para o PPSC e para este grupo que se forma. Como proposta para esta discussão, pensar com os adolescentes o que significa estar conectado ao outro e as situações que nos envolvem, lembrando do espaço que ocupamos aqui na UFRGS.

Material a ser utilizado:

Sala da Central de Produções da FACED;

PowerPoint Oficinas de 2009;

Rolo de barbante

Relato:

Marley chegou cedo, às 08:26, pedimos que ele aguardasse um pouco no corredor para ajeitarmos algumas coisas pois ninguém tinha chegado ainda. Deu uns cinco minutos e o chamamos pra entrar, convidamos para arrumar as coisas para fazermos um café, explicamos que na oficina da manhã começamos com um café. Ele disse que já tinha tomado café da manhã, então falamos que na próxima vez ele já sabe que dá pra vir de “barriga vazia”, brincamos que em dia de oficina nem tomamos café em casa, pra chegar aqui e tomar com os guris. Ele falou que a sua mãe não deixa sair de casa sem comer.

Começamos a tomar café, ele tomou um leite com toddy, não quis comer pão, pois disse que já tinha comido – ficamos com a impressão que poderia ser por constrangimento de comer com estranhos...

Tínhamos que buscar na Central de Produções (no 8º andar) o projetor e o notebook para a oficina, então combinamos que a eu limpava a mesa do café enquanto Nati e Marley buscariam o equipamento.

Como só havia um adolescente, não pudemos fazer a dinâmica da teia, então propomos que cada um contasse como foi seu percurso de casa até a UFRGS. Quando começamos a falar, Marley tirou o boné.

A Nati começou contando que colocou o despertador no “soneca” várias vezes, pois não conseguia se levantar, explicou que chegou um pouco mais cedo que normalmente, pois queria estar segura de que tudo estava certo para a oficina. Contou também que quando foi bater o ponto no prédio da Reitoria, o segurança de lá, falou com ela que não o ouviu porque estava com fones no ouvido. Quando o viu falando, entendeu que ele não conseguira um jornal que ela havia pedido. Falou também que assim que entrou na sala recebera uma ligação minha avisando que estava a caminho num trânsito. Pouco tempo depois o Marley chegou e Nati elogiou a pontualidade dele.

Nati perguntou quem era o próximo e eu já estava me prontificando quando o Marley se voluntariou bem sorridente, o que nos surpreendeu.

Ele contou que sua mãe o acordou e comentou que estava com preguiça também, depois assistiu ao desenho dos *Flinstones*, tomou café, um banho, se arrumou, pegou o ônibus e veio pra cá. Perguntamos qual o ônibus e ele disse que era o Caldre Fião. Comentamos que ele tinha várias opções de ônibus de onde ele mora. Perguntamos de sua família, quem

morava com ele, etc. e ele começou a contar que mora com a mãe, o irmão Fagner, Eduardo (cunhado), Joice (irmão, esposa de Eduardo), Eloá (filha de Joice e Eduardo), Gabriel (filho de Eduardo) e uma outra irmã cujo nome não lembramos e acabou falando um pouco da rotina familiar. Pelo que disse ajuda bastante em casa, na limpeza, descer o lixo e levar a irmã mais nova na escola. Contradizendo um pouco a entrevista inicial onde o relato de sua mãe e também o dele, era de que não ajudava em casa.

Então começo a contar o meu percurso. Conto que também coloquei o celular no “soneca” e disse que Sofia (minha filha) sempre acorda bem cedo e justamente hoje, que devia acordar cedo, ela dormira mais. Contei que vinha pela Protásio e peguei um engarrafamento por conta de um acidente de uma moto. O motoqueiro estava caído no chão e que fiquei pensando sobre esse fato. Possivelmente, a família dele não fazia a menor idéia do que ele estaria passando. O motoqueiro era um entregador, portanto, a pessoa que esperava a encomenda também não fazia idéia do acontecido. Nessa hora, Marley ficou bem pensativo e comentou algo:

- Pior, devem ta reclamando dele...

Continuamos divagando que o tal motoboy pode ter um filho também... Marley ainda lembrou que, na João Pessoa aconteceu um acidente também.

Segui contando que liguei para a Nati para avisar do engarrafamento e que levaria uns minutos ainda para chegar à UFRGS.

Depois das apresentações e dos percursos de casa até a UFRGS começamos a explicar para o Marley que fazemos algumas combinações com os jovens que participam das oficinas, explicamos, brevemente, sobre o prédio da FACED, sobre os outros que estão a volta, a sala do PPSC e a sala da oficina. Falamos dos materiais que tínhamos ali e do cuidado que se deve ter pois todo este material é nosso. Quando falamos da limpeza da sala e separação do lixo, perguntamos se ele sabia como separar e se na casa dele tinha coleta de lixo seco e ele disse que sim, comentou que no Carandiru (condomínio onde mora) tem uma pessoa pra limpar o pátio porque as crianças costumam comer e jogar os restos no chão. Disse também que na sua casa todos separam o lixo menos Gabriel e a irmã mais nova que não sabem muito bem.

Comentamos sobre o que acontece quando estamos em grupo e quando estamos sozinhos. As diferentes situações e a necessidade de se estabelecer certas regras de convívio, e como essas regras vão sendo combinadas com as necessidades que vão aparecendo no grupo das oficinas.

Perguntamos para ele se já havia participado de oficinas em outro lugar e qual era a expectativa dele com relação às oficinas, ele disse que nunca tinha feito e deu a entender que nem sabia o que era uma oficina.

Fomos perguntando se nunca tinha participado de programas ou instituições como Murialdo, Lar Fabiano, etc. e ele disse que não. Lembrou depois que jogava basquete num Centro Evangélico perto do Colégio Emílio Massot. Dissemos a ele que em algumas oficinas iríamos jogar basquete ou outro esporte, mas explicamos que as oficinas também podem ser de arte e que, em algumas, teremos conversas, algumas delas, inclusive, sobre a questão do ato infracional e outros temas que permeiam a vida deles.

Explicamos também que, nas oficinas, ele só falará o que quiser ou o que se sentir à vontade para falar. Mostramos para Marley alguns livros que foram confeccionados por adolescentes nas oficinas do ano passado. Ele começou a folhear e lembrou que fez alguma coisa parecida no tal Centro Evangélico. Depois viu o livro do Douglas, que estava escrito Fominha (seu apelido), e disse que conhecia um Fominha, começou a descrevê-lo e constatamos que era o mesmo. Perguntamos de onde ele conhecia o Douglas e ele respondeu que era da praça em frente ao colégio Julinho.

Ainda quando falávamos de sua família, Marley comentou que quando foram morar no “Carandiru” estavam gostando da mudança, mas agora não estavam mais satisfeitos e felizes por causa dos traficantes. Como era um local relativamente pequeno para o fluxo de tráfico, a polícia estava sempre dando batida, mas não adiantava nada. Também disse que aconteciam bailes funk, mas que não frequentava porque não se dava bem com a pessoa que promovia as festas.

No final, combinamos com ele que a partir da semana que vem ele virá à tarde para participar com outros adolescentes, já que as oficinas são sempre programadas para um grupo e não para uma pessoa só. Combinamos também que ele poderá sair por volta das 17:15 para buscar sua irmã na escola. Ele preferiu assim também para poder encontrar com outros adolescentes.



**16.03.2010 – Tarde**

Para essa oficina:

Apresentação das Oficinas, do Programa e da UFRGS; escuta dos adolescentes e suas expectativas com relação às oficinas.

Proposta:

***Primeiro momento: Apresentação das oficinas.***

Exibição do PowerPoint das oficinas de 2009 e conversa sobre como vem acontecendo as oficinas do PPSC e nossos objetivos com esse espaço.

Discussão das oficinas junto à medida socioeducativa de PSC (a circulação e continuidade de adolescentes nas oficinas, oficinairos externos, acordo com o judiciário, etc.).

Combinações acerca do funcionamento das oficinas em 2010 (horário, organização, utilização e limpeza do espaço, utilização dos equipamentos e materiais).

***Segundo momento: Apresentação do grupo.***

Dinâmica da Teia – o grupo recebe um rolo de barbante, a primeira pessoa se apresenta e responde uma questão (qual e como foi o seu trajeto casa-UFRGS nesse dia?), em seguida lança o barbante aleatoriamente à outra pessoa, que continuará a dinâmica.

No fim, teremos uma teia (desenho) formada pelo barbante ligando os integrantes desse grupo – faremos a discussão do entendimento desta teia para o PPSC e para este grupo que se forma. Como proposta para esta discussão, pensar com os adolescentes o que significa estar conectado ao outro e as situações que nos envolvem, lembrando do espaço que ocupamos aqui na UFRGS.

Material a ser utilizado:

Sala da Central de Produções da FACED;

PowerPoint Oficinas de 2009;

Rolo de barbante

Relato:

A oficina, nesse turno, aconteceu em uma sala de aula da FACED e não em nossa habitual do Programa. Enquanto a Nati levava os guris para a sala, eu fui buscar o equipamento na Central de Produções.

Na sala, pedimos para que os guris abrissem as janelas. Ligamos os ventiladores e organizamos o espaço. Sentamos em roda porque as cadeiras já estavam dispostas desta forma. Nati inicia pedindo desculpas para os guris em nome da equipe em virtude do atraso provocado pela alteração de horário.

Nesse primeiro momento iniciamos a conversa com o Leonardo (adolescente que havia cumprido sua PSC no ano anterior, mas que continuara nas oficinas conosco). Perguntamos se ele tinha ido para a praia e ele disse que foi para Tramandaí. Estendemos a pergunta aos demais. Felipe disse que foi pra Cidreira, Nati disse que passava o verão em Cidreira quando era criança, pois morava numa cidade perto dessa praia. Ela também comentou que já foi para Torres e que achou a praia linda. Felipe disse que em Torres “só tem branco” e Nati completou rindo e dizendo que era uma praia mais chique. Felipe comentou que havia muitos argentinos, ela concordou e falou que só se ouvia pelas ruas a língua espanhola. Os guris acharam graça.

Explicamos que iríamos nos apresentar uns para os outros, mas de uma forma diferente. Nati começou a se apresentar. Falou que ela e eu somos responsáveis pelas oficinas do Programa e começou a contar o seu dia. Disse que demorou para se levantar da cama, colocou o celular no “soneca”, que pegou o ônibus Serraria e chegou para bater o ponto no prédio da reitoria. Perguntou se alguém sabia qual era o prédio da reitoria e só Leonardo sabia. Então ela explicou qual era. Contou o que aconteceu na oficina da manhã com apenas um adolescente que eles conhecerão, pois ele passará a vir à tarde. Almoçou rapidinho e voltou para o Programa e Alison já estava esperando no corredor.

Passou o barbante para Felipe. Ele disse seu nome, falou que dormiu até meio-dia, tomou banho e veio. Perguntei se ele tinha almoçado, ele disse que tomou café, perguntei se foi café preto ou Nescau, disse que foi Nescau. Perguntei qual ônibus ele pegou, disse que foi o São José.

Felipe passou o barbante para Alison. Alison disse que acordou cedo e foi pra aula, voltou pra casa, almoçou correndo e pegou o ônibus e veio pra UFRGS. Fiz novamente a

pergunta sobre o ônibus, ele disse que veio de Alameda e passou o barbante para Tiago. Ainda faltavam falar eu e Leonardo, que Alison não conhecia.

Tiago disse que acordou umas 11 horas e brincou com a sua irmã de 12 anos. Depois foi na casa do seu tio e brincou com o primo. Encontrou Felipe e, juntos, passaram na casa de Alisson que já tinha saído. Então vieram para a UFRGS. Ele passou o barbante para o Leonardo.

Leonardo disse que foi pra aula de manhã. Perguntei se ele estava na escola que tinha me dito que gostaria de estudar e ele disse que não, mas que iria trocar, mas não sabia quando. Contou que tinha almoçado e passou na escola da sua irmã para ver se ela não estava matando aula. Depois veio pra cá. Perguntei se ele estava vigiando sua irmã e ele riu e disse que tem que cuidar porque ela mata muito a aula. Perguntei a idade dela e ele disse oito anos. Brinquei dizendo:

- Mas que danada, com essa idade matando aula.

Ele achou engraçado. Perguntei se ela estava na aula e ele falou:

- Tava lá sentadinha.

Atirou o barbante para mim e disse:

-Toma Paula.

Mostrando que já tinha certa intimidade conosco.

Repeti um pouco o que a Nati tinha falado que estaria com eles nas oficinas, contei que em março estarei de férias, mas viria para o início das oficinas, pois achava que era importante estar junto com o grupo desde o início. Contei que demorei para acordar também de manhã. Falei sobre um acidente de trânsito e que achava que uma pessoa tinha morrido. Almocei em casa a sobra da janta da noite anterior. Depois fui à minha consulta e vim pra UFRGS.

Após as apresentações, perguntamos o que eles viam na mesa apontando para o desenho que formou o cordão que nos ligava. Ninguém falava nada até que Leonardo disse, com ar de impaciência, que não via nada. Pedi então que ele puxasse o seu fio e perguntei o que aconteceu. Eles riram porque mexeu com a corda de Felipe e continuei a perguntar se ele puxasse para outro lado, mexeu, então com Tiago. Pedi que cada um fosse puxando e perguntei se percebiam o que estava acontecendo.

Os adolescentes estavam muito quietos, atentos e não arriscaram responder nada. Falamos que estávamos formando um grupo naquele momento e que, esta trama formada pelo barbante ilustrava a ligação que temos um ao outro e que aquilo que cada um faz ou deixa de

fazer afeta o grupo da mesma forma como ao puxar o barbante mexe com o colega que está segurando a outra ponta da corda.

Falamos que de agora em diante passaremos a nos conhecer melhor e essa rede ficará mais forte. Falamos também que essa rede é aberta e que chegarão outros adolescentes e alguns sairão, mesmo tendo terminado a medida de PSC. Comentamos que a medida da tensão dessa corda será dada por cada um de nós.

Desfizemos a rede.

Informamos que temos uma proposta inicial para as oficinas, mas gostaríamos de ouvi-los sobre suas expectativas com relação aos trabalhos. Perguntamos se já haviam participado de oficinas ou alguma atividade fora da escola antes.

No início, eles se mostraram sem expectativas, cada um foi dizendo que não tinha participado de nenhuma atividade além da escola. Tiago disse que joga futebol em um time, que já havia feito um curso de informática e falou algo como *Trabalho Educativo*.

Então os guris foram entendendo o que perguntávamos. Felipe lembrou que fez curso de marcenaria no Lar Fabiano. O curso era de um ano, mas só fez dois meses porque era pela manhã e ele não acordava.

Perguntamos também se as escolas tinham atividades no turno inverso e a maioria disse que não. Leonardo disse que na sua escola tem esse tipo de atividade, mas ele não participa, pois já não gosta de ir de manhã pra escola e não iria quando não era obrigado.

No meio dessa conversa acabamos pescando que a maioria gosta de jogar futebol e não gosta de basquete. Perguntamos sobre o basquete, pois o Marley, que vai se juntar ao grupo na semana que vem, havia pedido basquete.

Alison falou bastante nesse momento. Foi até engraçado. Ele contou que na sua escola a diretora colocou as tabelas para o basquete e contratou um instrutor, mas todo mundo preferia jogar futebol e o professor acabava tendo que ir buscar a bola de futebol para eles jogarem. Foi engraçado porque ele demorou contando essa história e falava como um ato de força dos alunos reivindicarem o futebol.

Comentamos que às vezes vale a pena se propor a algo diferente daquilo que gostamos, mas ele não nos deu muito ouvidos ou não pareceu dar. Nessa conversa, comentamos que pretendíamos também apresentá-los a UFRGS. Perguntamos se já estiveram na UFRGS antes de terem que cumprir a medida e todos disseram que não, mas todos já ouviram falar da universidade.

Explicamos rapidamente o campus, onde estamos e a FACED e que existe outros campus. Felipe disse que sabia da Agronomia.

Depois falamos que pretendíamos levá-los ao Planetário. Alguns já conheciam, mas disseram que não sabiam que o Planetário era da UFRGS. Perguntei para os que já foram ao Planetário se achavam que era muito infantil para irem novamente (pensando nas apresentações já vistas por eles como “O Burrinho”). Responderam, sérios, que gostariam de ir novamente. Um deles sugeriu visitar o Museu da PUC e todos concordaram que seria bem legal fazer esta visita.

Introduzimos, então, o assunto das combinações mais práticas da oficina. Dissemos para eles que iria começar uma parte chata da nossa conversa que era necessário. Falamos que tínhamos que fazer umas combinações de horários, de cuidados com a sala e materiais das oficinas, da maneira como se portar na universidade etc. Os adolescentes estavam em silêncio quando terminamos esse assunto. Perguntamos se o silêncio era uma forma de concordar ou não e porque eles não falavam nada. Eles acenaram que sim com a cabeça.

Os guris ajudaram, então, a montar o retroprojektor para mostrarmos as fotos das oficinas do ano passado. As imagens foram passando e eles foram se reconhecendo nelas. O Tiago disse que conheciam o “Fael”, o Rafael e o Jean, mas falou que não são amigos. Os demais concordaram que eles eram do contra.

O Tiago explicou que era amigo do Rafael e do irmão dele, mas que eles não se dão com os amigos dele, apontou para o Felipe e para o Alison.

E, que “eles (Rafael e Jean) são de cima e nós (os que estavam ali, mas entendi como os Malvados – bonde) somos de baixo”.

Questionei como seria se o Rafael e o Jean viessem nas oficinas, porque isso era possível que acontecesse. Eles responderam que seria tranquilo e normal, que agiriam normalmente. Frisamos que esse tipo de situação precisa ficar bem clara para eles e é muito importante para nós.

O Tiago se interessou pela montagem do PowerPoint. Perguntou-me se poderíamos fazer uma oficina com isso. Continuamos vendo as fotos e eles viram algumas fotos de Nati com Willian no acompanhamento escolar. Todos (Alison, Tiago e Felipe) ficaram com aspecto grave no rosto misturado com uma tristeza.

Falei algo sobre o fato de Willian estar preso já que ele tinha um vínculo especial conosco aqui na UFRGS. O Alison comentou que queriam fazer uma festa para o aniversário dele quando contei que ele havia passado aqui o dia de seu aniversário. Eu falei que nós

acompanhamos ainda o Willian através da mãe dele. Acho que se sensibilizaram com o fato de termos esta questão em comum.

Em algum momento surgiu o assunto de música e perguntamos se alguém sabia tocar um instrumento. Comentamos que Leonardo toca pandeiro. Tiago respondeu que não sabe tocar nada, mas informou que aprenderia rapidamente.

Terminou a exibição das fotos e convidamos os guris para lanche na sala da oficina, brincando que tinha chegado a melhor parte e eles se riram. Arrumamos os equipamentos, os guris ajudaram de novo, deixamos o pendrive para o Alison levar. Percebemos que foi importante pra ele levar o pendrive ( ele demonstrou um ar todo satisfeito).

Chegando ao Programa, apresentamos nossa sala de oficinas. Mas nem precisou, pois eles foram entrando e olhando tudo. Foi engraçado. Mostramos a divisão dos lixos e salientamos que era importante prestarmos atenção nisso. Na hora que Alison perguntou em qual lixeira colocava o chiclete, Tiago ficou zoando com a cara dele. Falamos que todos deviam perguntar quando tivessem alguma dúvida, pois ninguém sabe tudo, etc. Tiago concordou e os dois ficaram rindo ciente que foi apenas uma brincadeira mesmo.

O Tiago perguntou se Nati sabia jogar xadrez ao ver o tabuleiro e pediu para ela ensiná-lo. Ele ficou surpreso quando a Nati disse que havia aprendido com um adolescente aqui do PSC. Os outros guris pediram pra jogar damas. Enquanto isso, Leonardo e eu montávamos a mesa do lanche.

O Tiago aprendeu rápido mesmo a função de cada peça do xadrez. Pararam de jogar para lanche. O papo foi bem descontraído no lanche. Estávamos falando de comida, seus pratos favoritos etc. Nati contou que quando viajara para Montevideu tinha gostado da comida, mas conhecia pessoas que não gostavam da comida de lá. No meio dessa história perguntamos se sabiam onde era Montevideu e Felipe respondeu “Buenos Aires?” Eu disse que não e que iria mostrar pra eles no mapa. Apresentei Porto Alegre, o RS, Uruguai, Montevideu, Argentina e Buenos Aires.

O Tiago contou que já havia ido ao Uruguai para jogar um campeonato e que ganhou troféu de artilheiro. Nati falou “Bah! Aqueles uruguaios não jogam nada...” e ele disse, rindo, que ela estava avacalhando com ele e todos riram. Nati riu também e disse que não quis diminuir a vitória dele. Ele contou também que já conheceu várias cidades do interior jogando futebol e eu comentei com ele que uma das vantagens de fazer esporte em equipe é que se viaja bastante e ele concordou, empolgado, falando todas as cidades que já conheceu. Ele disse que podiam ter escolhido entre ir pro Rio de Janeiro ou pro Uruguai e preferiram o

Uruguai. Ele falou que achava que o Rio muito bonito mesmo, mas que não tava a fim de ir lá “tomar tiro”. Surgiu, então, o assunto “Rio de Janeiro e a violência”. Alguém falou do Wagner Love – jogador de futebol que apareceu na imprensa em um baile funk na Rocinha ao lado de traficantes armados. Os guris falaram que o cara não poderia virar as costas para os amigos só porque virou jogador de futebol. Alison comentou que se o cara faz tudo correto, treina direito e tudo mais, tá tudo certo.

Leonardo brincou dizendo:

- Pior é o Adriano que sobe o morro e some uma semana.

Todos riram. Leonardo falou também que esteve no Rio “com o tio dele”. Depois falaram do Jô Soares. Disseram que fala mal de gaúchos. Falaram, então, do Balanço Geral (programa da TV Record/RS) e disseram que o apresentador fala muita mentira.

O Tiago comentou que ele disse que os guris estavam na Redenção, quando os bondes brigaram.

O Leonardo comentou que ele foi preconceituoso também quando seu tio foi preso. Então, os guris falaram do Paulão. Não ficou tudo totalmente esclarecido, com relação ao tio do Leonardo ser o Paulão ou não. Não chegamos a intervir nesse papo porque eles falavam todos ao mesmo tempo e porque ficou confuso mesmo.

Na hora de arrumar a mesa e limpar, todos se prontificaram na hora. Foi surpreendente. Leonardo presenteou Nati com um chaveiro na hora que estávamos assinando as presenças e entregando os cartões TRI. Nos despedimos e agradecemos a presença deles no encontro de hoje.